

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

BRUNA DA SILVA GUSMÃO FONSECA

DISCURSOS MENTIROÇOS NA ÁREA DA SAÚDE: SEMIÓTICA E EDUCAÇÃO

BRUNA DA SILVA GUSMÃO FONSECA

DISCURSOS MENTIROÇOS NA ÁREA DA SAÚDE: SEMIÓTICA E EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras para a obtenção do título de Mestre.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre M. Bueno

SÃO PAULO
2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F676d Fonseca, Bruna Da Silva Gusmao.
DISCURSOS MENTIROÇOS NA ÁREA DA SAÚDE: SEMIÓTICA E
EDUCAÇÃO : [recurso eletrônico] / Bruna da Silva Gusmao Fonseca.
4727 KB ; il.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2022.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Alexandre Marcelo Bueno.

Referências Bibliográficas: f. 62-66.

1. Fake News. 2. Discursos Mentiroços. 3. Semiótica Discursiva. 4.
Ensino-aprendizagem.. I. Bueno, Alexandre Marcelo, *orientador(a)*. II.
Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Marcela Da Silva Matos - CRB 8/10691

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Bruna da Silva Gusmão Fonseca

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras

Título do Trabalho: Discursos mentirosos na área da saúde: semiótica e educação

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

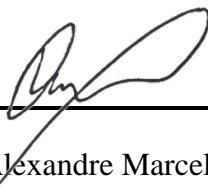
BRUNA DA SILVA GUSMÃO FONSECA

DISCURSOS MENTIROÇOS NA ÁREA DA SAÚDE: SEMIÓTICA E EDUCAÇÃO

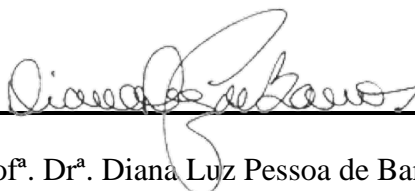
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª Dr.ª Diana Luz Pessoa de Barros
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª Dr.ª Vera Lucia Rodella Abriata
Universidade de Franca

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Leda e Adilson, por todo o carinho e amor, pela presença e infinito apoio durante a minha jornada acadêmica.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Professor Doutor Alexandre Marcelo Bueno, pelo apoio em todos os momentos, pela paciência e por todo o aprendizado.

Quero agradecer também às Professoras Doutoras Diana Luz Pessoa de Barros e Vera Lucia Rodella Abriata pelos apontamentos gentis que me direcionaram durante a elaboração desta dissertação.

Por último, deixo meus agradecimentos aos meus amigos, em especial à Sofia, Carol, Evelyn, Rafaella e Pedro.

RESUMO

O tema das *fake news* cresceram nos últimos anos, com o desenvolvimento das redes sociais e outros mecanismos de comunicação digital. Em especial, o discurso das *fake news* é utilizado em campos cujos temas se cruzam, como a política, a saúde, a educação, a justiça, entre outros, sempre com finalidades nefastas. Para nosso estudo, consideramos o impacto social e político da grande produção e proliferação de discursos mentirosos em redes sociais, sobretudo na área da saúde durante a pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 e 2021. Objetivamos identificar as características dos discursos mentirosos sob a perspectiva da semiótica discursiva de linha francesa, assim como pensar em como a educação pode se beneficiar da metodologia semiótica para desvelar tais discursos. Temos como objeto de análise cinco exemplares de *fake news* produzidos e disseminados durante a pandemia de COVID-19 na rede social *Facebook*, no período mencionado. Para tanto, recorreremos à semiótica discursiva de linha francesa, que se propõe a investigar o que o texto diz e quais procedimentos são empregados para tanto. Utilizamos também as questões dialógicas que nos permitem estabelecer relações com os discursos políticos que permeiam o material escolhido. Após o apontamento desses procedimentos, propomos uma reflexão acerca de práticas de ensino-aprendizagem como ferramenta no combate às *fake news*, desfazendo a ideia do sujeito como receptor passivo de informação para incentivar o desenvolvimento da autonomia e da criticidade no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: *Fake news*. Discursos mentirosos. Semiótica discursiva. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The topic of fake news has been widely discussed in recent years, as different spheres of human knowledge and communication have arisen, namely social media. Such interest stems from the constant use of this type of discourse on social networks with political, social and cultural purposes that are often harmful. For this study, the sociopolitical impact of the enlarged production and proliferation of deceitful discourse on social networks will be considered—especially regarding health-related practices during the COVID-19 pandemic, between 2020 and 2021. Thus, the goal is to identify the characteristics of deceitful discourse under the perspective of the French branch of discursive semiotics, as well as to reflect on the possible benefits of employing semiotics as a methodological device so as to weaken the impact of such statements on learners and readers. We aim at pointing out the distinctive strategies and methods utilized in deceitful discourses from the perspective of the French branch of discursive semiotics, employing, as subjects of analysis, five examples of fake news articles which were produced and circulated amidst the COVID-19 pandemic, on Facebook. As well, we made use of the dialogical aspects that allow us to determine the way with which the selected subjects of analysis, and the political discourse permeating them, converge. After pointing out these procedures, we propose a reflection on teaching-learning practices as a tool to combat fake news, debunking the notion that the subject is but a passive receiver of information, in order to encourage the development of an autonomous and critical learning process.

Keywords: Fake news. Lying discourses. Discursive semiotics. Teaching-learning practices. Internet discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Domicílios com acesso à internet (Cetic 2019).....	29
Figura 2- Domicílios com computador (Cetic 2019).....	30
Figura 3 - Quadrado 1 (o segredo é o termo contraditório da verdade e a mentira, o da falsidade) (BARROS, 2022).....	33
Figura 4 - Quadrado 2 (a mentira é o termo contraditório da verdade e o segredo, o da falsidade) (BARROS, 2022).....	33
Figura 5 - A máscara é eficaz? (Facebook, 2020).....	35
Figura 6 - Totalmente preocupante (Facebook, 2021).....	43
Figura 7 - O vírus não é natural (Facebook, 2020)	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. CONSENSOS E POLÊMICAS NO DEBATE SOBRE AS <i>FAKE NEWS</i>	17
1.1 Definição de <i>fake news</i> e sua perspectiva histórica	17
1.2 A pós-verdade e suas relações com as <i>fake news</i>	22
1.3. Linguagem na <i>internet</i> e circulação de sentidos na sociedade.....	26
2. SEMIÓTICA E <i>FAKE NEWS</i> : UMA PROPOSTA DE ANÁLISE.....	31
2.1. A máscara é eficaz?.....	35
2.2 Totalmente preocupante	43
2.3. O vírus não é natural	47
3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA ERA DAS <i>FAKE NEWS</i> : SE ESTÁ NA <i>INTERNET</i> , É VERDADE?.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

INTRODUÇÃO

O primeiro caso confirmado de COVID-19 – doença infecciosa causada pelo vírus SarsCoV-2, conhecido como coronavírus – surgiu em dezembro de 2019 em Wuhan, China. Já em fevereiro de 2020, tivemos o primeiro caso confirmado no Brasil e, posteriormente, os casos ao redor do mundo se multiplicaram com tamanha velocidade que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou estado de pandemia em março de 2020.

O Brasil que recebe a pandemia de COVID-19 é um país que sofria forte polarização política desde as eleições de 2014, bem como nas eleições de 2018, na qual Jair Bolsonaro foi eleito com 55,13% dos votos. A disputa presidencial era muito comentada e debatida e, para além da ascensão do antipetismo e da acirrada competição, as eleições de 2018 foram marcadas pelas incontáveis *fake news*.

Ainda, após as eleições de 2018, a disseminação de *fake news* sobre temas ligados à área da Saúde estendeu-se e foi muito presente no período de pandemia enfrentado a partir de 2020. Além dos compartilhamentos que circulam na *web*, é relevante mencionar que o posicionamento do governo atual foi contrário às recomendações científicas em relação à doença, como vimos no pronunciamento do Presidente da República, Jair Bolsonaro.

No dia 24 de março de 2020, o Presidente realizou seu primeiro pronunciamento oficial em rede nacional sobre a pandemia, que será comentado a seguir. Em seu discurso¹, Jair Bolsonaro enfatiza as medidas estratégicas tomadas pelo Governo Federal para o enfrentamento da doença e desaprova a repercussão midiática a respeito da situação, uma vez que, segundo o presidente, a mídia foi na “contramão” e pretendeu provocar “pânico” e “histeria” na população brasileira.

O pronunciamento foi marcado pelo posicionamento do Presidente frente ao momento de crise vivenciado mundialmente, afirmando que os empregos das famílias deveriam ser mantidos, seu sustento preservado e que a vida da população deveria voltar à normalidade, rejeitando a ideia de fechamento do comércio, das escolas e o isolamento social. Ressaltou que a preocupação central em relação à COVID-19 deveria ater-se ao grupo de risco, aqueles acima de 60 anos. Ainda declarou que, por seu “histórico de atleta”, não precisaria se preocupar caso fosse contaminado pelo vírus, pois seria acometido apenas por uma “gripezinha” ou “resfriadinho”.

¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>

É necessário observar o cenário político e o discurso proposto pelo governo para que possamos entender o contexto no qual as informações em relação à pandemia se inserem.

A disseminação de notícias mentirosas vem atrelada ao declínio da credibilidade da mídia tradicional. A democratização do acesso à *internet* e a popularização das redes sociais multiplicou as fontes de informação e viabilizou o compartilhamento de qualquer tipo de conteúdo aos usuários das redes, fazendo com que os papéis de receptor e emissor, muitas vezes, fossem misturados, criando um modo de compartilhamento contínuo (SANTAELLA, 2018), isto é, aquele que recebe uma mensagem também é responsável por retransmiti-la para alguém que também poderá retransmitir essa mesma mensagem, e assim por diante.

Desde que a *internet* se tornou um ingrediente onipresente em nossas vidas, interação e conexão passaram a assumir o papel principal em todas as cenas. Estamos conectados à *internet*, ao *wifi*, aos motores de busca, a pessoas em quaisquer pontos do planeta, vasculhando na *web* para receber e responder. O que procuramos, o que é mostrado, que rotas seguimos, o que compartilhamos, tudo isso recebe o nome-chave, “conexão”, funcionando como um “abre-te Sésamo” proliferante (SANTAELLA, 2018, p. 5).

A discussão a respeito dos discursos mentirosos tornou-se popular e pública: é pauta de jornais e telejornais, é tema de publicações em redes sociais e, também, é objeto de análise na academia. O debate sobre o assunto facilmente se conecta aos métodos de avaliação desses materiais e à necessidade de desvelá-los. Muitos portais virtuais de notícia já possuem uma área destinada a desmascarar notícias falsas ou mentirosas, como a sessão “Fato ou Fake” disponível no *site* da Rede Globo.

A busca pela verdade e o desvelamento do discurso falso e mentiroso se torna impreterível em um momento em que sua disseminação tem se tornado tão frequente, e os métodos que identificam, apontam e desmascaram esses discursos são de extrema valia. Sabendo disso, é importante também refletir sobre as especificidades que os discursos mentirosos adquirem quando contextualizados de acordo com o seu principal meio de produção e disseminação atual: a *internet*. Tendo em vista o terreno com o qual lidamos, permeado pelas diferentes qualidades oferecidas pelos avanços tecnológicos, é custoso controlar o volume de produção e disseminação das *fake news* e, portanto, é igualmente árduo ter acesso a todo discurso mentiroso para, incansavelmente, desmascará-lo e denunciá-lo.

Além disso, a *internet* é entendida como espaço em que se pode, entre outras possibilidades, buscar conhecimentos, fonte de saber sancionada positivamente como verdadeira e dotada do poder de revelar segredos e desmascarar mentiras (BARROS, 2015). Isso posto, observamos que as noções de confiabilidade e credibilidade na *internet* asseguram ao menos um traço dentre os elementos que favorecem a produção e disseminação de discursos

mentirosos ou falsos. Por esse motivo, destacamos o papel da educação na busca por ferramentas que possam amparar o julgamento dos usuários das redes que se deparam com esse tipo de discurso e, para isso, escolhemos a semiótica discursiva por ser uma metodologia que nos permite compreender e explicar a organização dos sentidos de um texto, seja ele de que tipo for (verbal, imagético, sincrético etc).

Quando somos capazes de identificar os métodos de construção e persuasão de uma notícia mentirosa, somos capazes também de pontuar de forma meticulosa os caminhos traçados para então desconstruí-la e prová-la falsa. Tendo em vista o atual enfrentamento da pandemia de COVID-19, vivemos um momento no qual a disseminação da verdade implica diretamente na manutenção das vidas de milhares de pessoas.

Para concretizar a travessia da mentira à verdade, também é preciso rejeitar os modos de ensino que implicam sujeitos que se tornam receptores passivos de conhecimentos – aqueles que entram em contato com qualquer tipo de texto informativo compartilhado nas redes sociais não devem encará-los como verdade absoluta. A habilidade de apreensão de conhecimento que temos enquanto seres humanos e a possibilidade de reestruturação do comportamento se dá pelo que Freire (2011) chama de educação bancária: aquela em que o educando é apenas um receptor de informação/conhecimento, como mencionamos. O objetivo é buscar a formação de sujeitos que sejam capazes de questionar e construir uma sociedade mais crítica e autônoma, capazes de conectar o conhecimento apreendido à prática.

Isso posto, o tema desta pesquisa se justifica pela percepção da propagação de discursos mentirosos na *internet*, considerando seu impacto na formação da opinião pública e seus desdobramentos, especificamente, no período da pandemia de COVID-19 (2020-2021), como a desinformação acerca da doença, o não cumprimento das medidas de segurança, aparição de teorias conspiratórias etc.

Objetivamos analisar textos considerados mentirosos que veiculam temas ligados à saúde durante a pandemia. Nossos objetivos específicos são: a) examinar a organização interna dos discursos considerados mentirosos; b) examinar as relações interdiscursivas que eles estabelecem para buscar uma sustentação verossímil; c) discutir as relações entre educação e semiótica para se pensar em maneiras de ensinar a desvelar os sentidos mentirosos do discurso.

O *corpus* analisado consiste em três exemplares de *fake news* da área da saúde compartilhados na rede social *Facebook*. A análise ocorre por meio do percurso gerativo de sentido, na tentativa de compreender suas estratégias na perspectiva da semiótica discursiva e propor reflexões que se unem a problemas de ensino-aprendizagem, partindo da ideia de que, se não é possível controlar a produção e disseminação de discursos mentirosos, bem como não

é viável e realista almejar encontrá-los, desmascará-los e denunciá-los caso a caso, é inquestionável a necessidade da busca pela formação de sujeitos que tenham autonomia para encarar discursos sobre o mundo de forma crítica.

Assim, essa pesquisa será desenvolvida no campo da semiótica discursiva de linha francesa, destacando a complexidade discursiva na *internet* (BARROS, 2020), a questão da pós-verdade (ARNOUX, 2021), os conceitos de informação e desinformação (MATTOS; SALGADO, 2021), bolhas de *internet*/câmaras de eco (SANTAELLA, 2018) e o funcionamento dos algoritmos na *web* (VALENTE, 2020). Para a investigação do plano de conteúdo do material proposto, observaremos o dialogismo entre textos e discursos, contradições de ordem semântica, a organização linguístico-discursiva, o problema da autoria, descontextualizações conforme os estudos de Barros (2019) e demais métodos que contribuirão para compreensão da construção, bem como a identificação de uma *fake news* – discursos que se inserem nos âmbitos do falso (que não parecem e não são) e do mentiroso (que parecem mas não são) no quadrado greimasiano de veridicção.

O presente trabalho está dividido nos seguintes capítulos:

1) “Consensos e polêmicas no debate sobre as *fake news*”, no qual articulamos o fenômeno das *fake news* ao conceito de pós-verdade e à linguagem na *internet*, também pensando nas definições de informação e desinformação. Revisitamos alguns momentos históricos que foram marcados pelos desdobramentos dos discursos mentirosos; abordamos o surgimento das bolhas de *internet*/câmaras de eco e sua relação com o funcionamento dos algoritmos na *internet*; e os efeitos da pós-verdade. Trouxemos a noção de gêneros textuais emergentes e apontamos características específicas do texto quando inserido na *internet*.

2) *Semiótica e fake news*: uma proposta de análise: o segundo capítulo traz alguns aspectos da semiótica discursiva, como a verossimilhança e a veridicção, além do percurso gerativo de sentido. É por meio do percurso gerativo de sentido que procuramos expor as características presentes no texto que indicam anomalias discursivas e evidenciam a aparição da mentira.

3) O papel da educação na era das *fake news*: se está na *internet*, é verdade?: pontuamos algumas particularidades dos textos inseridos na *internet*, como o grande alcance comunicacional, que destacam a relevância do debate acerca do papel do ensino no combate às *fake news* e das contribuições da semiótica discursiva para tanto.

1. CONSENSOS E POLÊMICAS NO DEBATE SOBRE AS *FAKE NEWS*

Neste capítulo, apresentaremos a definição do termo *fake news*, relacionando-a ao tema da pós-verdade, pontuando as conexões que fazem com que os discursos mentirosos se proliferem de forma incontrolável pela dinâmica de uma esfera em que a crença pessoal tem grande peso, bem como sua relação com a magnitude tomada pela comunicação na era tecnológica. Para a contextualização da proposta deste trabalho, apontamos momentos históricos que mostram ocorrências de discursos mentirosos, bem como momentos recentes que reforçam a necessidade da reflexão acerca da liberdade de expressão e da questão da credibilidade da mídia tradicional, tendo em vista seus paralelos diante do problema dos discursos mentirosos. Também revisitamos os conceitos de verdade propostos por Foucault, abordados em Sargentini e Carvalho (2021), o surgimento das bolhas de *internet*/câmaras de eco trazido por Santaella (2018), e a definição de pós-verdade e sua relação com a tradição retórica, segundo Arnoux (2021). Além disso, foi relevante pontuar os conceitos de informação e desinformação embasados em Salgado e Mattos (2021), bem como considerações acerca do gênero discursivo em análise, a partir de Hilgert (2020), e observações acerca da semiótica discursiva enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem, as anomalias nos discursos, e a complexidade discursiva na *internet*, conforme Barros (2015a, 2019b, 2020c).

1.1 Definição de *fake news* e sua perspectiva histórica

O fenômeno das *fake news*, ou notícias falsas, em português, existe há bastante tempo, mas tornou-se relevante no Brasil a partir da corrida presidencial brasileira de 2019, marcada pela eleição do então presidente eleito Jair Bolsonaro. De repente, muito se comentava sobre a disseminação de notícias falaciosas em redes sociais – no campo da Ciência da Informação, o termo Desinformação pode servir de guia para esse tipo de ocorrência, colaborando para estudos na área da Comunicação e Computação, pensando na necessidade da Alfabetização Digital.

Um estudo¹ realizado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) analisou cerca de 126 mil notícias entre 2006 e 2017, contando com publicações de três milhões de usuários e com 4,5 milhões de compartilhamentos no Twitter. A checagem de veracidade do estudo contou com seis organizações independentes e mostrou que, em comparação às notícias que são verdadeiras, as *fake news* têm maior chance de compartilhamento em 70%.

1

Disponível em: <https://ide.mit.edu/sites/default/files/publications/2017%20IDE%20Research%20Brief%20False%20News.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2022.

Embora as *fake news* tenham ganhado grande notoriedade com o avanço da tecnologia e sua disseminação tenha sido muito facilitada a partir das redes sociais, principalmente após as eleições presidenciais que elegeram Donald Trump, nos Estados Unidos da América, e Jair Bolsonaro, no Brasil, é possível encontrar rastros de notícias falsas desde a Roma Antiga.

Há registros de procedência (DARTON, 2017), como as histórias (“História Secreta”) do historiador bizantino Procópio, no século VI, escritas com o intuito de prejudicar a reputação do imperador Justiniano. Podemos também apontar o caso de Antônio e Cleópatra. Nesse episódio, Otaviano se encarregou de criar propaganda de campanha com o intuito de manchar a reputação de Antônio, caracterizando-o como bêbado e conquistador, o colocando como um fantoche de Cleópatra, por conta do conhecido caso entre os dois. Sua propaganda foi bem-sucedida e, mais tarde, Otaviano tornou-se o primeiro imperador romano.

Há também a tentativa de manipulação das eleições do pontífice em 1522, por parte de Pietro Aretino, que escreveu sonetos difamando os candidatos, exceto pelo favorito da dinastia Médici. Nesse episódio, os candidatos foram então presos e expostos ao público em um busto conhecido como II Pasquino, em Roma, e, logo, os pasquins tornaram-se ferramenta para a difusão de notícias satíricas e parodiais, muitas vezes falsas, a respeito de pessoas públicas.

Sargentini e Carvalho (2021) indicam, ainda, que a mudança da concepção de verdade acontece a partir do crescimento da cultura cristã, que cria o “sujeito moral”. Ao contrário dos greco-romanos da antiguidade, o sujeito moral assim posto não estabelece a verdade pela experimentação, e sim pelo acúmulo de verdades definidas pelas normas, leis etc. A verdade passa então a ser um processo subjetivo, no qual o sujeito fortalece a crença de que “suas verdades são aquelas que ele acredita estarem na origem dos seus pensamentos, e não produzidas de forma relacional com o outro” (CARVALHO; SARGENTINI, 2021, p. 75). A moralidade, a oposição entre o bem e o mal, conduz à ideia de que a verdade não é fruto da experimentação, mas sim da conformidade com os poderes dominantes. Esse alinhamento, principalmente ao ideal religioso, faz com que o sujeito se acomode ao comportamento do grupo.

Nessa complexidade que cerca a problemática da verdade, observamos que as instituições seculares e dominantes atuam no processo de subjetivação, conduzindo os sujeitos a se alinharem às verdades estabelecidas pelo mercado (política liberal), pelos aconselhadores religiosos (gurus), filósofos e pelas autoridades jurídicas e civis. (CARVALHO; SARGENTINI, p. 75, 2021).

A primeira farsa em larga escala, conhecida como “The Great Moon Hoax”, em 1853, foi causada pela publicação de uma série de seis artigos publicados pelo jornal *New York Sun*. O

material relatava a descoberta de vida na lua, contando com ilustrações de criaturas parecidas com morcegos e unicórnios azuis barbados. Supostamente, era uma republicação do *Edinburgh Journal of Science*, assinada por Andrew Grant, conhecido como amigo de Sir John Herschel, um astrônomo renomado. Entretanto, Andrew Grant era apenas um personagem fictício levando o periódico a interromper a publicação que, inicialmente, era apenas uma sátira, mas tornou-se realidade para as pessoas que consumiam a mídia posteriormente, elevando as vendas do jornal novaiorquino. A sátira mal interpretada chegou a despertar o interesse de um comitê da Universidade de Yale, que viajou até Nova Iorque buscando mais informações sobre o artigo.

Sargentini e Carvalho (2021) apontam que a verdade é construída por meio de enunciados que se modificam de acordo com as alterações dos quadros históricos, sociais e culturais. Baseados nas reflexões de Foucault, os autores afirmam que existem dois tipos de verdade. A primeira é uma verdade interna, e tem seus procedimentos internos de regulação, enquanto a segunda é externa, inserida em um jogo de poder que possibilita a formulação de certas subjetividades, domínios de objetos, determinados tipos de saber (CARVALHO; SARGENTINI, 2021).

Diante dessas reflexões, não se deve esquecer da oposição entre verdadeiro e falso, uma vez que essas possibilidades trazem a definição e amparam os discursos verdadeiros. Recentemente, o dito verdadeiro passou por mudanças que envolvem seus mecanismos e instâncias de verificação da veracidade dos discursos (CARVALHO; SARGENTINI, 2021, p. 76), o *fact-checking*. Os casos são variados: situações de falsos contextos; falsas conexões; vontades de mercado⁸, grupos religiosos e poderes dominantes. Além dos já conhecidos portais de notícia que se comprometem à checagem dos fatos (como o Fato ou Fake, já mencionado), mais recentemente, em novembro de 2021, foi lançado o site PUC *check* que disponibiliza manuais de checagem de informações, checagem de imagens e oficinas abertas de combate a notícias falsas e checagem de fatos.

Retomemos, então, momentos centrais que desencadearam as *fake news* como hoje as conhecemos, bem como a popularização do termo pós-verdade (em que o apelo emocional sobrepõe os fatos): a corrida presidencial estadunidense e a brasileira, que tiveram como eleitos Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil. Nesses dois acontecimentos, foi observado “o disparo de mensagens falsas em redes sociais, criação de sites de ocasião mimetizando o jornalismo tradicional, naturalização de um discurso marcado por preconceitos e retrocessos” (CARVALHO; SARGENTINI, 2021, p. 77).

Ainda pensando no cenário político brasileiro, é relevante mencionar que houve uma campanha para atacar a credibilidade da mídia tradicional por parte do presidente eleito, o que

nos leva a pensar na questão da liberdade de expressão, como veremos adiante. Entretanto, é válido ressaltar que o presidente e os órgãos por ele geridos se manifestaram de forma aparentemente parcial em relação às emissoras e até mesmo pessoas específicas, como foi o caso do posicionamento da Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM), administrada por Fabio Wajngarten na época. No *Twitter* oficial da Secom, em 3 de fevereiro de 2020, foram postados *tweets* criticando o trabalho da cineasta Petra Costa, que no momento recebia a indicação ao Oscar de melhor documentário do ano por seu trabalho em *Democracia em Vertigem* – o qual aborda o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, os escândalos de corrupção à época, a polarização política e a ascensão da extrema direita.

Como mencionado na publicação da *Carta Capital*, e segundo a Lei nº 6.650 de 23 de março de 1979, a Secretaria de Comunicação Social tem a função de exercer políticas de comunicação social, divulgar atividades e realizações governamentais, além de outras atividades de comunicação. As atribuições elencadas para a Secom pouco se encaixaram às publicações feitas em crítica à cineasta.

Já no período de pandemia, podemos relembrar as críticas tecidas por Jair Bolsonaro em relação à Rede Globo. Após o alcance do número de cem mil mortos por COVID-19 no país, o Jornal Nacional se opôs abertamente ao posicionamento do governo diante da pandemia, citando pronunciamentos do presidente que desincentivavam o cuidado e o enfrentamento da doença de acordo com as recomendações provadas cientificamente. Diante disso, em seu *Twitter*, Bolsonaro rebateu as críticas em uma sequência de *tweets* e afirmou que a emissora espalhou pânico na população, que seu posicionamento provocou mortes, além de alegar que a TV Globo festejou os cem mil mortos e tratou a data como uma Copa do Mundo.

Considerando as consequências desses tipos de posicionamentos exibidos pelo governo brasileiro vigente, podemos retomar o pensamento de Santaella (2018) em relação às bolhas da *internet*, pensando nos grupos atingidos por esse tipo de discurso. Segundo a autora, o termo *filter bubbles* foi cunhado em 2010 pelo ativista e autor Eli Pariser, antes mesmo de acontecimentos como a eleição de Donald Trump, o Brexit no Reino Unido ou a eleição de Jair Bolsonaro.

Eli Pariser fala sobre o funcionamento dos filtros na *internet*, e aponta que diferentes pessoas podem buscar o mesmo assunto no Google e receber diferentes respostas, por conta dos filtros que se adequam às preferências e interesses de seus usuários. Uma ocorrência relevante mencionada por Pariser foi em relação à sua experiência pessoal, uma vez que o autor costumava acessar perfis de amigos de diferentes posicionamentos políticos e, por conta dos

filtros e algoritmos aplicados na rede social, ele deixou de ter acesso automático aos comentários e *posts* de seus amigos com diferentes opiniões políticas em seu *feed* do *Facebook*:

Tudo o que você gosta de ver e ouvir em serviços de streaming, quem você curte nas redes sociais, o que você compra nas lojas online, o que você joga no seu videogame, suas viagens, seus desejos, suas conversas por *e-mail* ou mesmo no *whatsapp*; tudo isso está sendo monitorado 24h pelo grande olho da rede. Essa grande máquina social invisível, fruto da enorme personalização dos ambientes online, usa todos os dados coletados da sua vida digital para te oferecer tudo aquilo que ela considera relevante para você. (...) O problema é que esta personalização extrema da nossa vida conectada provoca o que alguns estudiosos chamam de "câmaras de eco" ou "salas espelhadas", onde tudo o que vemos e consumimos é reflexo de nós mesmos (SANTAELLA, 2018).

Os filtros funcionam como um mecanismo de seleção de conteúdo, uma forma de curadoria digital e os tão comentados algoritmos são comandos dados à máquina para que ela desempenhe determinada função. Esses comandos são baseados em dados e informações pessoais obtidas sobre o usuário, padrões de navegação, *sites* visitados, usuários com interesses semelhantes etc. Assim, resultados de busca muito acessados serão considerados úteis e serão entregues a um maior número de pessoas. Propagandas e todo tipo de conteúdo ensinarão aos algoritmos as preferências dos usuários (considerando os tipos de interações – se o conteúdo é bem recebido ou rejeitado) e, a cada *click*, a experiência individual na *web* se torna mais personalizada (VALENTE, 2020).

No caso da eleição de Donald Trump, em 2018 houve o escândalo com a consultoria *Cambridge Analytica*, que trabalhou na campanha eleitoral do candidato a partir da obtenção indevida de dados de 87 milhões de usuários do *Facebook* e, dessa forma, desenvolveu anúncios personalizados para o favorecimento de Trump na corrida eleitoral, após uma análise de personalidade (Big Five) desses usuários.

O funcionamento dos algoritmos e filtros na *internet* é facilmente associado aos interesses de mercado publicitário etc.; entretanto, essa personalização na entrega do conteúdo aos usuários também afeta o acesso a informações de forma geral, uma vez que as bolhas da *web* (ou câmaras de eco) surgem a partir da tentativa de personalização de conteúdo e acabam por criar espaços que contêm usuários com os mesmos interesses e opiniões, resultando em ambientes que pouco se expandem, afastando novas ideias e opiniões divergentes:

Conforme Perosa (2017), “o poder da crença - em uma ideia, religião, afinidade política e afins” já existia antes da *internet*. E não há argumentação racional que possa suplantá-la. Trata-se daquilo que os psicólogos cognitivos chamam de “viés da confirmação”, ou seja, “quando alguém é confrontado por informações que contrariam sua visão de mundo, as chances de que aceitará o novo dado como um fato, mudará sua opinião, ou questionará o

próprio sistema de crenças são um tanto baixas”. Isto porque aceitar as informações que confirmam as nossas crenças fala mais alto do que “rejeitar aquelas que as contradizem” (SANTAELLA, 2018, p. 9).

Nesse sentido, diante dos desdobramentos das informações compartilhadas durante a pandemia de COVID-19, há de se considerar o relevante papel desempenhado pelo posicionamento do governo vigente e das bolhas da *web* alimentadas pelos algoritmos.

1.2 A pós-verdade e suas relações com as *fake news*

Segundo Siebert e Pereira (2020), todos os anos, a plataforma da marca Oxford de dicionários realiza uma pesquisa sobre a palavra do ano. Em 2016, a *Oxford Dictionaries* elegeu como palavra do ano a pós-verdade (*posttruth*), apresentando a seguinte definição: relaciona-se ou denota circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal. O departamento da Universidade de Oxford apontou que, embora a palavra já estivesse sendo usada na última década, o ano de 2016 foi marcado pela eleição presidencial dos Estados Unidos e pelo referendo do Reino Unido na União Europeia (o Brexit). Segundo essa pesquisa, o uso da palavra teve picos em junho e outubro de 2016, sendo muito utilizada no âmbito político e mencionado no termo política da pós-verdade (*post-truth politics*). Para os autores, "a *pós-verdade* parece anteceder o enunciado, estando na ordem do ideológico" e, ao ser definida como palavra do ano pela Oxford, por exemplo, constitui-se enquanto *acontecimento discursivo* (SIEBERT; PEREIRA, 2020). O fenômeno se fortalece nos gêneros emergentes:

A *pós-verdade* se fortalece com as mídias digitais, uma vez que os veículos tradicionais de informação não detêm mais o monopólio da “verdade”. Com a *internet*, as redes sociais, os formadores de opinião são os mais diversos, fragmentando assim o controle sobre circulação da informação, em especial da notícia, gerando, assim, mais debates e maior capacidade de produzir e difundir novas versões sobre os acontecimentos. (SIEBERT; PEREIRA, 2020).

Ainda segundo os autores, “a consequência disso é a popularização do negacionismo, das falácias e de teorias da conspiração como plataformas viáveis - ainda que não o sejam - de debate.” (SIEBERT; PEREIRA, 2020). Nesse sentido, a pós-verdade atua enquanto ferramenta para credibilidade dos discursos mentirosos.

Também segundo o dicionário, nesse caso, o prefixo “pós” não acarreta o período posterior, mas significa pertencer a um momento em que o contexto especificado (a verdade) se tornou irrelevante. A pós-verdade, portanto, trata de articular a verdade, a emoção e a crença

na sociedade pós-moderna e caracteriza práticas políticas que se sustentam a partir do aumento do alcance midiático, sobretudo na era digital. A definição da verdade como aquilo que se alia às crenças e emoções do locutor acaba minando as possibilidades de debate, “de modo que ela é aceita ou não, mas não discutida” (ARNOUX, 2021, p. 189).

Arnoux (2021) propõe que é relevante retomar a ideia de que as crenças pessoais não devem, unicamente, determinar o que é a verdade. Por isso, a autora menciona a tradição retórica, que é firmada em provas e argumentação. Ainda, o ensino retórico considera as implicações futuras, os cidadãos e as novas “classes dirigentes”; é relevante, portanto, levar em conta a moral (e a moral cívica), que valida o discurso político, uma vez que a verdade, nesse contexto, é algo esperado, misturando-se, também, com o que o locutor acredita ser verdadeiro.

O regime da verdade – que, como tal, segundo Castro (2018), opera a exclusão do que se considera falso e inscreve uma determinada manifestação da verdade em elementos institucionais –, do qual depende a instituição pedagógica, é próprio da modernidade e das instâncias democráticas liberais. Nele, valoriza-se o raciocínio e a verdade “factual”, que pode ser sustentada por provas e também refutada a partir de outras provas. (...) (ARNOUX, 2021, p. 190)

Entretanto, no século XXI, *outro* regime de verdade ganha espaço, o que não se baseia em provas factuais: é aquele que abraça a subjetividade e se satisfaz na sinceridade das emoções e no apelo às crenças, dificultando o debate, como mencionado. A oposição entre verdadeiro e falso deixa de ser importante e a carga emocional acaba funcionando como ferramenta de *marketing*, apетecendo a grupos que concordam e agem de acordo com a informação oferecida, e a tomam como sua verdade. (ARNOUX, 2021, p. 191).

Arnoux chama atenção para a definição de pós-verdade oferecida pelo *Dicionário da Real Academia Espanhola* online, que muito se encaixa no debate proposto: distorção deliberada de uma realidade, que manipula crenças e emoções com o intuito de influenciar a opinião pública e atitudes sociais. Os demagogos são os mestres da pós-verdade.

Nessa perspectiva, o locutor se vale de estratégias discursivas que objetivam tocar o outro e provocar emoções específicas, que muito se afastam da legitimidade. Plantin (ARNOUX, 2021, p. 198) aponta que a crença de que a emoção é considerada “instrumento de sofistas e demagogos, a mãe de todas as falácias” é bimilenar. Isso posto, a partir da definição oferecida pelo *Dicionário da Real Academia Espanhola*, a autora menciona a oposição entre verdade e mentira, e as representações que já foram indicadas pela retórica: “o apelo às emoções (*pathos*) e à exposição de emoções que incidam na representação de si construída pelo locutor (*ethos*)” (ARNOUX, 2021, p. 198).

É interessante vincular nosso desenvolvimento tecnológico às primeiras definições de informação, conforme Salgado e Mattos (2021), que reúnem dados valiosos acerca da trajetória do conceito. No período medieval, considerando as concepções latinas do francês *informatio*, vemos duas possibilidades: “o ato de moldar a mente e o ato de comunicar conhecimento”. Ainda pensando no processo etimológico percorrido para que cheguemos ao atual conceito de informação, sabemos que:

As palavras gregas *hypotyposis* (modelo, no contexto moral) e *prolepsis* (representação), conforme Capurro e Hjørland (2007), foram traduzidas para o latim como *informatio* ou *informo*. O prefixo *in* reforça o ato de dar forma a alguma coisa, como os versos do poeta clássico romano Virgílio (70-19 A.C.) sobre a produção (*informatum*) de flechas de raios de Vulcano e Cíclopes para Zeus – os raios eram formatados em flechas. O sufixo *ção* denota um substantivo de ação. Desde Virgílio até o século VIII, então, os usos em latim *informatio* e *informo* já eram feitos (MATTOS; SALGADO, 2021, p. 41).

Além disso, vemos a palavra assumir diferentes usos de acordo com a área em questão. Na biologia, *informo* traz a ideia de formação (como formação biológica do ser humano); já na perspectiva espiritual e pedagógica marcada pelo cristianismo, *informatior* quer dizer “educador ou modelador de pessoas”; ainda no âmbito religioso, Moisés foi conhecido como *populi informatior* e Agostinho faz uso de *informatio* no sentido de que “Cristo é a forma de Deus”. Adiante, no século XX, *informo* e *informatio* se diferem da ideia de dar forma a algo, educar e instruir. Enquanto isso, nas línguas inglesa e europeias da modernidade, o significado limita-se a “formação ou modelagem da mente ou do caráter, treinamento, instrução e ensino”, assim como no alemão o significado proposto se atrela à educação e comunicação, ambas ocorrências marcadas desde o século XIV e XV, respectivamente (MATTOS; SALGADO, 2021, p. 41).

Descartes, no século XVII, traz o momento de destaque em que o significado medieval se transforma no moderno, considerando as ideias um pensamento que informa o espírito/mente.

Entretanto, é apenas a partir do século XX que a ideia de informação se torna concreta: “[a] noção de informação como algo que pode ser armazenado em, transferido ou comunicado a um objeto inanimado e ação de informação como uma quantidade definida matematicamente não surgem antes do século XX” (MATTOS; SALGADO, 2021, p. 42).

Diante dessas diferentes perspectivas e transformações de significado ao longo dos séculos, sabemos que Wiener e Shannon foram os primeiros a produzir uma publicação científica acerca do termo comunicação, sob a ótica da Teoria Matemática da Comunicação, dos anos 1940 aos 1950. Ambos os autores buscavam desenvolver sistemas de transmissão de sinais, e por isso a Teoria Matemática também era conhecida como modelo telegráfico. Com

esses objetivos, vemos a intenção de um modelo de comunicação que inclui receptor e destinatário, e não se preocupava necessariamente com a mensagem transmitida em si, mas sim com os aspectos técnicos do processo de transmissão, com contextos instáveis e referências variáveis e, por isso, podemos considerar que estes estudos não foram diretamente ligados à comunicação em sua complexidade, tendo em vista, também, que o modelo foi criado pensando na troca de informações entre máquinas, e não seres humanos, impossibilitando o deslocamento de seus princípios para a comunicação humana. (MATTOS; SALGADO, 2021, p. 43-44).

Mattos e Salgado (2021) ressaltam que informação pode ser entendida como mensagem, noção que pode servir como instrumento para compreender a desinformação atual, visto que vivemos em um contexto em que a quantidade de desinformação é abundante e, muitas vezes, inadequadamente selecionada. Por outro lado, a desinformação configura-se na produção, circulação e validação de “pseudo-certezas”, com a estratégia de argumento de autoridade:

Certamente que essa decisão, no caso da desinformação, é muitas vezes pouco crítica. Podemos acrescentar: em certa medida mecânica, pois constantemente as mensagens são compartilhadas pelo fato de se supor que a pessoa que enviou o conteúdo é crível, seja por ser um/a parente próximo/a, um/a amigo/a conhecido/a, pessoas de referência do trabalho ou mesmo supostos veículos noticiosos que aparentam credibilidade (MATTOS; SALGADO, 2021, p. 44).

Relacionando comunicação, informação e Cibernética, há três perspectivas, sendo a mais relevante a que se atrela à Teoria Matemática: sistemas observados e sistemas observáveis, desenvolvida por Wiener. Essa teoria se interessa pela relação entre desordem e informação, em que a maior entropia se relaciona a menos informação, bem como o inverso. Mattos e Salgado (2021) afirmam que, nesse sentido, informar quer dizer moldar e dar forma, usar um sistema para formatar incertezas. Seguindo essa linha de pensamento, desinformar significaria “desformatar”, aumentar o que é incerto.

Partindo desses princípios, a propagação de desinformação que vivemos hoje vem da “dinâmica de produção, circulação e validação de pseudo-certezas, isto é, de informações que tendem a se aproximar de uma suposta verdade [...] quando, com efeito, são mensagens distorcidas” (MATTOS; SALGADO, 2021, p. 46). Logo, apesar de a desinformação produzir efeito de sentido de verdade, ela é coberta por níveis de não verdadeiros, distanciando-se dos fatos.

Segundo os autores, a desinformação se mostra como “entropia positiva”, uma vez que aumenta incertezas e incentiva a desordem, utilizando-se de ferramentas discursivas que induzem uma leitura que intencionalmente causa a ilusão da aproximação com o verídico.

Podemos definir desinformação como “informações que, além de serem falsas, foram ‘criadas e distribuídas intencionalmente’ para prejudicar e causar dano a alguém, a ‘um grupo social, organização ou país’” (PAES; RIBEIRO, 2021, p. 89), tendo impacto na formação da opinião pública.

1.3. Linguagem na *internet* e circulação de sentidos na sociedade

A revolução tecnológica envolve, também, os âmbitos econômico, social e cultural. A partir do surgimento de provedores comerciais na *internet* e dos livres protocolos de acesso, a conexão à rede e o acesso às páginas de notícias, bate-papos, fóruns etc. foram muito facilitados para aqueles com acesso a um computador. Entramos, então, em uma nova era na qual a disponibilidade de informação e a participação dos cidadãos na comunicação em larga escala tomou grandes proporções e, com isso, o problema da liberdade de expressão também entra em pauta: “é como se todas as pessoas ganhassem um mega-fone” (VALENTE, 2020, p. 26).

Uma pesquisa da TIC Domicílios mostrou que houve crescimento no acesso à *internet* em 2020, totalizando 81% de brasileiros com acesso à banda larga. Há de se considerar, nessa pesquisa, que as classes C, D e E continuam sendo as que encontram maiores dificuldades para tanto. Além disso, a pesquisa mostrou que a maioria das pessoas acessam a *internet* por meio do celular e, de forma geral, a conexão é mais utilizada para chamadas de voz ou vídeo (em aplicativos como *WhatsApp*), seguido de pesquisas sobre saúde, transações financeiras, pesquisas em *sites* de governo, atividades de trabalho e cursos à distância.

Conforme Valente (2020, p.26-30), anteriormente a comunicação era feita por meio de uma mídia tradicional de “um-para-muitos”, enquanto a nova era da *internet* possibilita uma comunicação de “muitos para muitos”. Com essa vasta possibilidade comunicacional e o excesso de informações é que surgem os algoritmos e as bolhas na *web*, como comentamos. O tema é muito debatido, também, porque as formas de comunicação são variadas de acordo com as propostas e configurações das redes sociais, e os modos de funcionamento das plataformas digitais acabam por impactar diretamente na comunicação e acesso à informação pública. Logo, a conversa sobre liberdade de expressão, quando na *internet*, inclui também os sistemas de regulação das plataformas digitais – novamente, são especificidades que surgem de acordo com os campos de utilização da língua e das atividades humanas.

Han (2020) enxerga a liberdade como um momento, um episódio, um “entreato” que precede uma nova forma de dominação, apontando para uma trajetória de submissão e libertação cíclica. Se hoje não somos considerados sujeitos submetidos por coerção, na

perspectiva do autor, somos considerados “projetos livres”, tornando nossa subjetividade acentuada por meio de coações disfarçadas por ideias como desempenho e otimização.

Quando falamos de liberdade, falamos também de limites. Dessa forma, a “liberdade” em si carrega diferentes possibilidades, como o poder e o dever. O poder sendo ilimitado em oposição ao dever. O dever é, também, capaz de provocar a coerção, a qual é, logo, ilimitada e causa uma relação paradoxal entre a liberdade de poder ilimitada e a coerção que carrega consigo e, logo, perde-se a liberdade, idealmente imaculada.

Nesse contexto, Han (2020) aponta o neoliberalismo como uma grande ferramenta de exploração da liberdade e de tudo a ela atrelado, como, por exemplo, a própria comunicação. Cita, ainda, a ideia apresentada por Marx, na qual se acredita que a liberdade é conquistada apenas de forma coletiva, e não individual.

Os enunciados partem das atividades humanas e das distintas situações comunicacionais. Embora cada enunciado seja individual, a prática desses enunciados exige algum nível de interação: postos determinados enunciados em determinadas oportunidades de uso, haverá a socialização a partir do processo de comunicação. Retomemos, então, a noção de gênero discursivo proposta por Bakhtin e suas instâncias discursivas resultantes do processo de enunciação, implicando a interação entre interlocutores, com o objetivo de enfatizar a importância de pensarmos nos campos de utilização da língua, nos quais os enunciados estão inseridos e, a partir disso, pontuar suas peculiaridades. Isso está diretamente conectado ao gênero textual, uma vez que cada gênero apresenta seus traços composicionais, temáticas e estilísticas em sua enunciação (HILGERT, 2020).

Quando consideramos o campo de utilização da língua, conforme proposto por Bakhtin, também chegamos à vinculação da “concepção de língua às práticas sociais” (HILGERT, 2020, p. 18), posto que as atividades humanas se dão por meio das enunciações linguísticas relativamente estáveis, reforçando a ideia bakhtiniana de que os gêneros textuais estão ligados à âmbitos específicos da atividade e comunicação humana.

Tendo em pauta as *fake news*, adentramos o espaço dos gêneros tecnológicos emergentes: trata-se de textos criados e transmitidos na esfera das interações na *internet – e-mail, Whatsapp, SMS, Facebook, Twitter* etc. Diante da magnitude do problema das notícias mentirosas, é preciso propor métodos para analisar e desmascarar discursos mentirosos. Além disso, cabe-nos também pensar sobre as especificidades que esses discursos assumem por circularem na *internet*.

Para falarmos sobre os textos inseridos nesse espaço, é preciso considerar que estes ocupam posições intermediárias entre os extremos da fala e da escrita, compostas por questões

de planejamento (elaboração do texto) e duração (contínuo e descontínuo), sendo considerada a informalidade e a incompletude trazida pelo texto falado, e justamente o oposto em relação ao texto escrito, levando em conta “as características temporais, espaciais e actoriais do discurso falado e escrito” (BARROS, 2015, p. 3).

Esse cenário norteia percepções específicas que se conectam com a proporção tomada pelos discursos mentirosos, sendo “a interatividade exacerbada, a longa duração ou permanência dos discursos e a grande extensão de seu alcance comunicacional” (BARROS, 2015, p. 19) algumas das características que integram a complexidade discursiva na *internet*.

O que se depreende desses efeitos de sentido comunicacionais pode ser positivo e negativo. As características que acompanham a fala, por exemplo, podem trazer a ideia de discursos “mais francos, sinceros, subjetivos, cúmplices, atuais, novos, verdadeiros” (BARROS, 2015, p. 17), como também podem trazer interpretações negativas, como “envolvimento excessivo, incompletos, mal elaborados, efêmeros” (BARROS, 2015, p. 17).

Essas características opostas (formalidade e informalidade, proximidade e distanciamento) que seriam destinadas à língua e à fala, de forma ideal, são passíveis de conjunção justamente pelas suas oposições; entretanto, os discursos da *internet* possibilitam justamente esta quebra nos discursos concessivos (transformam o impossível em possível), conforme Zilberberg (2014): “operam, assim, a conjunção concessiva entre contrários, de que resulta o termo complexo: fala (próxima, descontraída, incompleta, subjetiva), embora escrita (distante, formal, completa, objetiva), ou escrita, embora fala” (BARROS, 2015, p. 20).

Para além das demais teorias que circundam a complexidade discursiva na *internet*, o que mais nos interessa para este trabalho é a noção de que, ao examinarmos textos de gêneros emergentes, é necessário pensar nas posições intermediárias ocupadas por esses textos entre os extremos ideais entre a fala e a escrita: “ora é mais fala, embora sem deixar de ser também escrita, ora é principalmente escrita, mesmo mantendo atributos da fala” (BARROS, 2015, p. 21).

As relações modais advindas do problema da veridicção na *internet* e a organização enunciativa têm características próprias, considerando a veracidade, a autoria e o caráter público ou privado; entretanto, características como a grande interatividade e a noção de que há uma grande quantidade de conhecimento armazenada na *internet* faz com que os discursos ali inseridos sejam melhor entendidos como verdadeiros (parecem e são verdadeiros) ou como discursos de desmascaramento da mentira (parecem, mas não são verdadeiros) e discursos de revelação de segredos (não parecem, mas são verdadeiros). Podemos dizer, de maneira genérica, que os discursos inseridos na *internet* oferecem a verdade como efeito de sentido.

Vimos neste capítulo uma retomada histórica do conceito de *fake news*. Além disso, ligamos este conceito a outros análogos, apontando para a complexidade do fenômeno nos dias atuais, sobretudo após o advento da *internet* e dos meios de comunicação digitais.

Conforme os dados da pesquisa realizada pela TIC Domicílios e, ainda, pensando nas formas de utilização da *internet* estabelecidas pelas bolhas de *internet* e pelas configurações das redes sociais, é relevante questionar o problema da inclusão social no Brasil.

Segundo a pesquisa publicada em 2019, vemos que 20 milhões de domicílios não possuem acesso à *internet*, totalizando em apenas 71% de brasileiros com acesso à rede. Dentre estes, apenas 44% possuem acesso à *internet* por cabo ou fibra ótica, conforme o quadro a seguir:

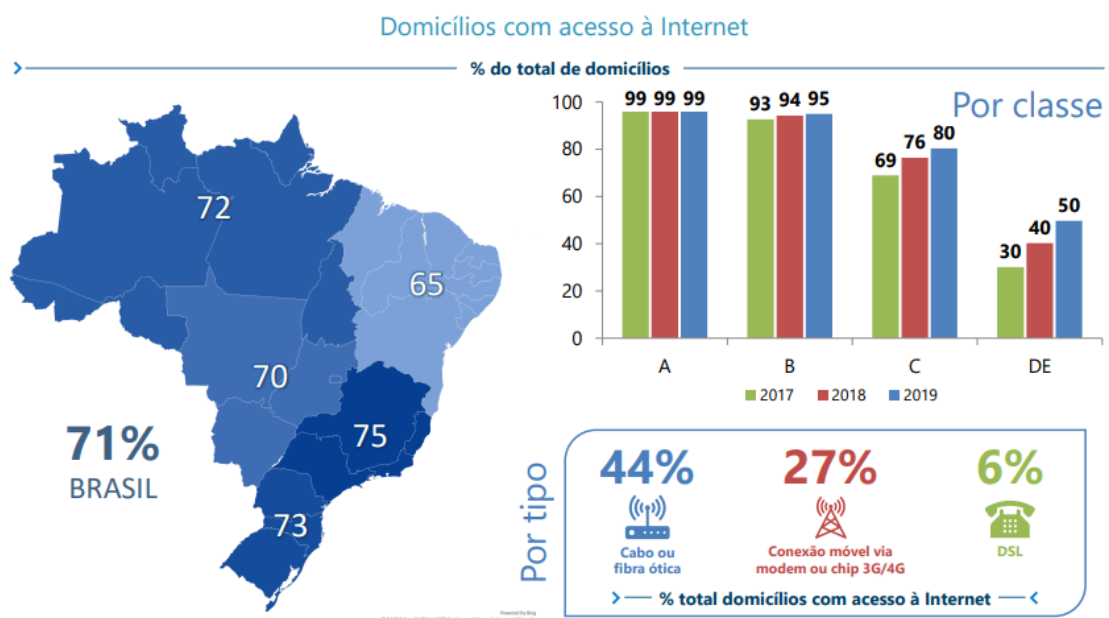


Figura 1- Domicílios com acesso à internet (Cetic 2019)

Além disso, apenas 39% dos domicílios com acesso à *internet* possuem computadores, ferramenta que está em queda desde 2015, observando, ainda, que a maior parte desse recurso é proveniente das classes A e B, como vemos no gráfico abaixo.

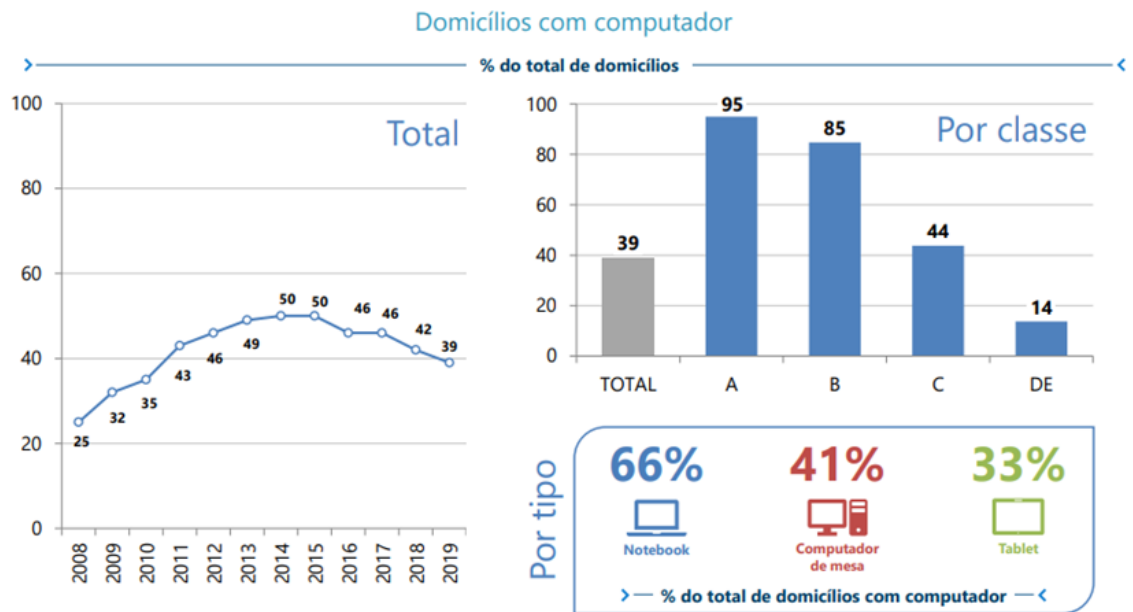


Figura 2- Domicílios com computador (Cetic 2019)

Ainda, segundo a pesquisa, um a cada quatro brasileiros não utiliza a *internet*, resultando em 47 milhões de não usuários (26% da população). Entre os que acessam a *internet*, 58% mantêm acesso apenas pelo celular, sendo 79% desses acessos na área rural e 85% das classes DE. Vemos, por meio dos dados expostos, que o acesso à *internet* e os dispositivos utilizados estão diretamente atrelados ao poder aquisitivo desses usuários.

A seguir, vamos examinar o fenômeno das notícias da saúde em gêneros emergentes por meio da teoria semiótica, a fim de explicitarmos os mecanismos discursivos de sua produção e recepção, bem como seus processos de constituição de sentido.

2. SEMIÓTICA E *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Em *Sobre o sentido II* (GREIMAS, 2014), reflexões sobre a verossimilhança e veridicção de um discurso já apareciam amparadas pela teoria semiótica. Para Greimas, enquanto o verossímil está relacionado ao mundo extra discursivo e às referências que o texto traz de determinada realidade sociocultural, o verídico diz respeito a construção de um dizer verdadeiro (um efeito de sentido de verdade). Assim, para a semiótica, em que “a linguagem é o lugar de sua própria veridicção” (2014, p. 121), o que se espera não é um discurso verdadeiro (ou verossímil, se pensarmos em sua relação com o universo cultural que o circunda), mas um discurso que construa o efeito de sentido de um dito verdadeiro. Dessa forma, a disciplina observa os mecanismos internos do texto que buscam construir a significação.

Na obra, o autor apresenta conceitos relativos à veridicção:

o discurso é esse lugar frágil em que se inscrevem e se leem a *verdade* e a *falsidade*, a *mentira* e o *segredo*; modos de veridicção resultantes da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário; suas diferentes posições não se estabelecem senão na forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provêm de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. É esse acordo tácito que é designado pelo nome de contrato de veridicção. (GREIMAS, 2014, p. 117, grifos nossos).

Portanto, um discurso enunciado pode se instaurar no âmbito do verdadeiro, da falsidade, do segredo ou da mentira – sendo esse último onde se enquadram a maior parte dos discursos mentirosos como as *fake news*. Segundo o autor, o destinador, em seu fazer persuasivo, busca conseguir a adesão dos valores que ele propõe por meio de um efeito de sentido de dizer-verdadeiro. É certo que cada gênero discursivo possui um estatuto: o de uma notícia jornalística, por exemplo, é diferente do de um filme de ficção científica – no qual o contrato de veridicção nos faz aceitar cenas das mais inverossímeis nesse tipo de discurso. Quando falamos de *fake news*, o que acontece é justamente essa tentativa de transformar um dizer-mentiroso em um dizer-verdadeiro.

A base da análise será feita por meio do *percurso gerativo de sentido*. De acordo com Barros (2005), essa trajetória vai do mais simples ao mais concreto, sendo três níveis dos quais a significação se organiza de modo distinto: o *fundamental*, em que o sentido surge como uma oposição semântica mínima; o *narrativo*, em que a estrutura narrativa é organizada do ponto de vista de determinado sujeito; e o discursivo, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação” (BARROS, 2005, p. 15). Apesar de o sentido de um texto depender das correlações entre esses patamares, segundo a autora, cada um atende a uma gramática própria; para os

propósitos deste trabalho, enfatizaremos *o percurso da manipulação*, uma vez que um fazer manipulatório eficaz ou ineficaz influi diretamente na adesão a uma *fake news*, por exemplo.

Somando a essas questões, pensemos nos gêneros discursivos emergentes, “como são denominados os textos produzidos e veiculados no âmbito das interações na *internet* (interações por *e-mail*, *Whatsapp*, *SMS*, *Facebook*, *Twitter* e outros)” (HILGERT, 2020, p. 16): não raramente os discursos mentirosos circulam em larga escala em aplicativos de conversa ou postagens em redes sociais. Conforme Hilgert (2020), esses textos, apesar de escritos, têm tendência a apresentar características da oralidade. Assim, conforme o autor, muitas vezes são de escrita rápida que remete à fala e caracterizam-se por uma complexidade que articula elementos da linguagem oral e da linguagem escrita. Outro aspecto desses novos gêneros é a efemeridade com que essas produções entram e saem do horizonte social: essa dinamicidade (muitas vezes acompanhada de anonimato) encorajando os enunciadores a produzirem os mais variados tipos de discursos intolerantes e mentirosos.

Tratamos da veridicção no âmbito dos estudos narrativos da manipulação e da modalização, uma vez que o dizer-verdadeiro é um efeito de sentido que parte do contrato enunciativo criado entre interlocutores (Greimas, 2008). Portanto, o verdadeiro depende do estabelecimento deste contrato, não de fatores externos. Se concretiza não apenas no poder persuasivo do enunciador, mas também no fazer interpretativo do enunciatário – o que reafirma os modos pelos quais as *fake news* se propagam:

A modalização veridictória determina a relação do sujeito com o objeto que é dita verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta. Faz parte, portanto, da modalização do ser e não da do fazer. Com a modalização veridictória substitui-se a questão da verdade pela da veridicção ou do dizer verdadeiro: um estado é considerado verdadeiro quando um sujeito, diferente do sujeito modalizado o diz verdadeiro. Parte-se do parecer ou do não-parecer da manifestação ou aparência e constrói-se ou infere-se o ser ou o não-ser da imanência ou essência. (BARROS, 2022, p.2).

Com a criação do modelo de quadrado semiótico de segunda geração, previsto por Greimas e Courtés (2008) e Fontanille e Zilberberg (2001), e proposto por Barros (2022), é possível verificar o funcionamento da verdade e da falsidade (primitivos) em oposição à mentira e ao segredo (contraditórios) com quatro leituras possíveis, conforme os quadros a seguir:

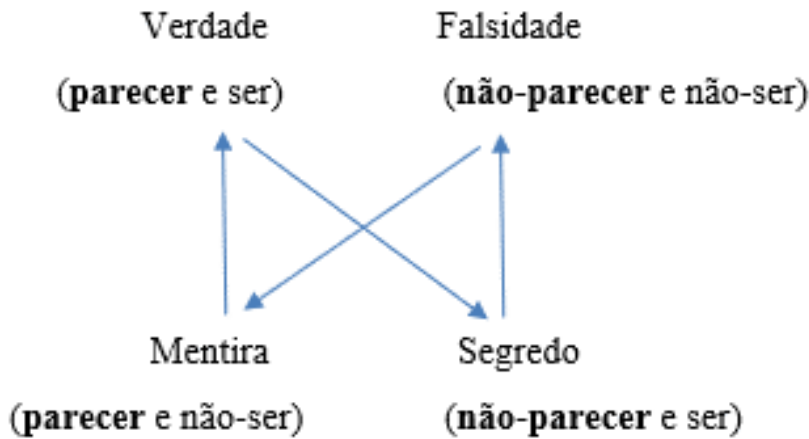


Figura 3 - Quadrado 1 (o segredo é o termo contraditório da verdade e a mentira, o da falsidade) (BARROS, 2022)

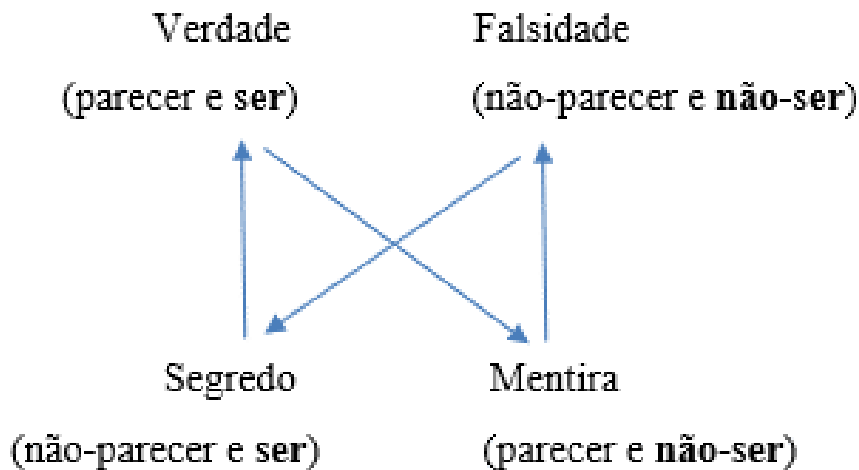


Figura 4 - Quadrado 2 (a mentira é o termo contraditório da verdade e o segredo, o da falsidade) (BARROS, 2022)

A verdade é aquilo que parece ser verdade e é, de fato, enquanto a mentira é aquilo que parece ser verdadeiro, mas não é. A falsidade, por outro lado, não parece e não é verdade; enquanto o segredo não parece ser verdade, porém, é. Para o estudo das *fake news*, nos chama a atenção a *aparência*.

Vemos que o *parecer* (aparência) se destaca entre os quatro percursos possíveis, uma vez que o *parecer* direciona a leitura para o ser ou não-ser nas operações de implicação (nas quais se enquadram as *fake news*):

Esse quadrado de segunda geração opera por negação a passagem do *parecer* ao *não parecer* e vice-versa, para estabelecer os termos contraditórios, e é o *parecer*, a *aparência*, que seleciona, na operação de implicação, o *ser* ou o *não ser*, completando o percurso. Nesse quadrado, é, portanto, o *parecer* que tem papel predominante nas operações. (BARROS, 2022, n.p.).

O objetivo do enunciador é transformar um discurso concessivo (mentiroso) em um discurso implicativo (verdadeiro), fazendo com que o enunciatário decida aderir aos seus valores, até que estes sejam parte de seu próprio quadro de valores e crenças. Portanto, é dessa maneira que as *fake news* operam: apelando para a interpretação baseada em valores, crenças e emoções.

Além de serem considerados verdadeiros e confiáveis, os discursos da *internet* são encarados como discursos que desmascaram a mentira ou relevam o segredo:

Essa interpretação decorre das duas principais características do discurso na *internet*: a do efeito de sentido de grande quantidade de saber armazenado pela *internet* (“que sabe tudo”, que é extensa, como a escrita), pois, com isso, o destinatador é colocado, pelo destinatário interpretante, na posição de sujeito do saber; a do efeito de sentido de interatividade intensa (como na fala), devido à qual o destinatário se considera, em boa parte, também como “autor-destinador” do discurso e nele acredita, pois é “seu”. (BARROS, 2019, p. 5).

Gomes (2019) também elenca algumas estratégias dos discursos mentirosos para fundamentar a crença naquilo que é dito, enfatizando os recursos argumentativos e a constante mobilização das paixões:

Entre os recursos que apelam para o sensível, podemos enumerar o emprego reiterado de imagens, tratamento estésico de grafemas, emprego simbólico ou semissimbólico de cores e formas, da diagramação, de quadros, etc. Outro recurso é a ênfase nos excessos e nas intensidades no dizer: emprego de hipérboles, de expressões intensificadoras etc., com marcas explícitas de subjetividade. Do ponto de vista aspectual, há sempre a aceleração e a urgência. O emprego da ironia, do sarcasmo e do humor também são constantes. Há também a presença de certas configurações passionais no enunciado, principalmente as paixões malevolentes (medo, raiva, ódio, ressentimento), mas também há as paixões benevolentes (adoração, admiração) que aparecem de forma tônica, a depender das personalidades públicas sobre as quais essas paixões recaem (GOMES, 2019, p. 22).

Conforme vimos, o sujeito destinatador, ao produzir uma notícia mentirosa, quer convencer o destinatário de que o conteúdo transmitido é um dizer-verdadeiro. Essa questão nos leva ao percurso de manipulação que, para a semiótica, pode se dar por intimidação, sedução, tentação ou provocação (BARROS, 2005). É desse ponto que partimos para pensar sobre as notícias mentirosas que circularam na *internet* sobre a pandemia de Covid-19.

Nosso *corpus* se constitui de três exemplares de *fake news* compartilhados no *Facebook*, segundo os levantamentos do site de *fact-checking* AFP Checamos. A maior parte de nosso *corpus* são textos sincréticos ou fotografias acompanhadas de um texto escrito. Aplicaremos, nesses exemplos, o percurso gerativo de sentido, mencionando alguns aspectos do plano da expressão quando relevantes para a construção de significação. As análises seguirão ordem cronológica de circulação e, em cada texto, investigaremos os níveis narrativo, discursivo e

fundamental, com ênfase nas manipulações articuladas por cada um dos destinadores. Iniciamos nossa análise com uma imagem extraída da rede social mencionada.

2.1. A máscara é eficaz?



Figura 5 - A máscara é eficaz? (Facebook, 2020)

O primeiro exemplar escolhido para abordar o fenômeno dos discursos mentirosos na *internet* é um texto sincrético que funciona mais ou menos como um panfleto informativo: nele vemos o título na forma de um enunciado interrogativo “A MÁSCARA É EFICAZ?” articulando figuras do plano do conteúdo com uma organização sincrética que disponibiliza a imagem de uma máscara cirúrgica a partir da qual são dispostas circularmente informações em relação ao questionamento da eficácia do uso de máscaras como forma de proteção contra o coronavírus. O texto analisado foi publicado no *Facebook*.

Em uma primeira leitura, podemos observar um texto sincrético em que diversas afirmações e perguntas circundam uma grande máscara descartável. Em uma fonte maior, o enunciado “VOCÊ RESPIRA TEU PRÓPRIO CO₂ GÁS CARBÔNICO” está sobreposta à

figura da máscara. O que se destaca na *fake news* é a articulação da manipulação: o enunciado em destaque menciona explicitamente o destinatário, exercendo a manipulação por intimidação, afirmando falsamente que quem usa máscara está entrando em disjunção com o objeto de valor vida e, por isso, poderá ser sancionado negativamente com alguma outra doença ou mesmo a morte.

A transformação almejada nessa manipulação visa a atribuição de um outro saber-fazer que questiona o uso da máscara, conforme recomendado pelos especialistas na área da saúde. Assim, conforme a lista apontada no texto, partindo da exposição de objetos de valor em comum: a vida e a liberdade, do ponto de vista do enunciado da *fake news*. Há uma tentativa de fazer-crer que o uso de máscaras é nocivo e até mesmo fatal. Das dez informações listadas, sete referem-se a problemas respiratórios, valendo-se do linguajar médico com o uso de palavras como hipercapnia, por exemplo, seguida de uma suposta explicação médica do termo. O vocabulário da área da medicina, por sua vez, na tentativa de legitimar o discurso apresentado, como se houvesse, de fato, comprovação científica dos malefícios do uso da máscara. Embora a breve explicação proponha a aproximação mais direta ao universo da saúde, não vemos indícios de fontes de dados científicos, bem como é possível observar a irregularidade estrutural do discurso, que tenta assemelhar-se ao padrão científico, mas falha pela má elaboração do texto, em excertos como “respira-se teus próprios resíduos expelidos”, “intoxicação por micro partículas do material”. Além disso, a proposta interdiscursiva com a área da medicina não se confirma: ainda que o diagnóstico exista, não é causado pelo uso de máscaras.

Do ponto de vista da *fake news*, caso o leitor queira estar em conjunção com os valores da vida e/ou liberdade, deve agir de acordo com os apontamentos feitos pelo destinador pelo viés da manipulação por intimidação, entendida aqui globalmente. Assim, esse destinador-manipulador se coloca como detentor do saber (uso de um determinado léxico específico, informações, supostos conhecimentos da área da medicina etc.) enquanto a competência do destinatário é o dever-fazer, uma vez que o sistema de valores seja compartilhado entre ambos. Em outras palavras, as *fake news* põem em dúvida o crer-ser do destinatário por meio do suposto saber com o qual o destinador trabalha. Logo, o destinatário que aceita a manipulação dessa *fake news* começa a questionar a validade do uso da máscara para se proteger da COVID-19.

Vemos a tentativa de intimidação que ocorre em enunciador como “impede a oxigenação pulmonar”, “intoxicação por micropartículas do material”, “produz síndrome de hipercapnia¹”

¹ Hipercapnia é a incapacidade de respirar corretamente, causando o aumento do dióxido de carbono no sangue e aumento da acidez do sangue.

e “impede a correta respiração”, evidenciando a possibilidade de o destinatário ser acometido pelos valores disfóricos – a doença e a morte. Assim, por meio da intimidação, o texto propõe que o uso de máscara não é eficaz e, embora não haja informações em relação ao vírus em si e de suas formas de transmissão, é possível apreender que se trata do universo semântico relativo à COVID-19. A mensagem proposta é: o uso de máscara pode ser letal e compromete a vida e a liberdade dos sujeitos que a usam.

Em contraposição a esse discurso, podemos nos valer da interdiscursividade presente com uma pesquisa recente publicada pela FAPESP em janeiro de 2022, atestando que apesar do “desconforto” (sic) o uso de máscaras não prejudica a respiração ou a resposta cardiovascular de seus usuários, como este exemplar afirma.

É pela proposta do saber da área da medicina que se constrói parte da assimetria na relação entre destinador e destinatário, reforçando a autoridade daquele que comunica, o detentor do saber, do poder. A relação entre poder e saber, nesse caso, se reforça pela maneira como se figurativiza a máscara e se organiza topologicamente e cromaticamente a expressão do texto. Outro ponto que fortalece a assimetria nessa comunicação é a ideia geral que se tem de que a *internet* é grande fonte de saber, o que amplia o efeito de que o destinador detém conhecimento. Essa característica, que resulta das especificidades que os discursos adquirem na *internet* pode, ainda, criar a noção de que o destinatário também é co-participante daquele discurso, caso compartilhe dos mesmos valores, acentuando sua credibilidade (BARROS, 2019). Todas essas são estratégias dos discursos das *fake news*.

Enquanto o destinador manipula o destinatário por intimidação – ao afirmar que o uso de máscara pode ser letal e/ou comprometer sua liberdade, ele também denuncia uma suposta manipulação por meio de seu segundo questionamento no texto: “Só tem uma explicação para sermos obrigados a usar: SERÁ QUE A O.M.S. QUER NOS MATAR LENTAMENTE?”. A exposição é feita em caixa alta e em vermelho, diferente dos demais trechos. A pergunta visa a questionar a credibilidade da OMS. O questionamento está fortemente associado à interdiscursividade presente no texto a partir de dois aspectos:

I) Pode referir-se a uma alteração de recomendações no decorrer da pandemia de COVID-19, visto que, no dia 2 de março de 2020, início do período de quarentena no Brasil, a recomendação apresentada no *site* da Organização afirmava que o uso de máscaras deveria ser feito apenas por aqueles que estivessem cuidando de outra pessoa contaminada ou que estivessem tossindo ou espirrando. Sabemos que, no decorrer do período de pandemia, a população recebe orientações atualizadas de acordo com o avanço das descobertas científicas em relação às formas de transmissão do vírus. Na publicação que data de março de 2020, o uso

de máscaras era considerado necessário apenas por aqueles que estivessem infectados ou em contato direto com pessoas infectadas e, já em 2022, considerando os novos dados científicos que apontam a alta transmissibilidade do vírus, a orientação é de que máscaras devem ser utilizadas por toda a população, junto às medidas de distanciamento social e higienização das mãos. Essa divergência de informações pode ser apontada como forma de desacreditar a OMS.

II) É possível depreender uma isotopia política por meio questionamento que é feito pela ação da OMS. Por meio de uma sanção à Organização Internacional, procura-se pôr em dúvida a credibilidade da instituição e, principalmente, das orientações que ela estava transmitindo desde o início da pandemia. O teor conspiratório proposto conflui, por exemplo, com o posicionamento do atual Presidente da República. Jair Bolsonaro criticou a OMS abertamente, questionando as alterações nas orientações de proteção e afirmando que a Organização não trabalha com base na ciência. Portanto, o apelo ideológico da *fake news* evidencia seu público-alvo: aqueles com posicionamentos que se assemelham aos expostos pelo governo vigente.

Nesse momento, aparece uma ruptura e uma mudança isotópica no texto que, inicialmente, parecia se preocupar com questões apenas relacionadas à saúde. Entretanto, a mudança de tema traz um viés ideológico mais explícito ao discurso, levando em conta o momento político em que o texto foi publicado e o explícito posicionamento do governo vigente contra as medidas de segurança propostas pela OMS. Assim, a liberdade ganha uma dimensão política ligada a movimentos conservadores de direita, que pregam uma liberdade individual em detrimento de uma igualdade coletiva, assim como de uma liberdade mais próxima dos regimes democráticos, nos quais a liberdade tem também os seus limites. As rupturas temáticas são uma das características que indicam a anormalidade no texto (BARROS, 2020). É válido mencionar, também, que, nesse caso, a OMS é aquela que desmentirá o discurso proposto por este exemplar de *fake news*.

Seguindo o percurso temático da saúde, nos deparamos com três das afirmações do texto que expõem efeitos simbólicos e psicológicos: a) “produz sensação de asfixia”, b) “simboliza mutismo” e c) “produz falta de liberdade física e psicológica”. Alinhado a esse, o percurso figurativo que o materializa – por meio do desenho da máscara e das escolhas semânticas do universo científico. Mas há também a opressão a qual o texto se refere, em oposição à liberdade, que está figurativizada por meio do impedimento da respiração, da mudez imposta pelo uso obrigatório da máscara, a asfixia. Em suma, trata-se de uma opressão que resulta em uma interrupção e, conseqüentemente, em uma descontinuidade da vida normal, livre e cujo desejo pessoal é hegemônico em contraposição aos direitos e deveres previstos em lei.

É válido observar a estratégia discursiva da *fake news*, como um todo, que se apoia na aproximação emocional e sensorial por meio das figuras empregadas: é a partir das figuras oferecidas que o destinador pretende demonstrar a concretização do plano de conteúdo. É de se considerar que o apelo dessas figuras busca o elo sensorial com o destinatário por meio dos incômodos físicos causados pelo uso de máscaras que são relatados pelas pessoas, em geral sobre sensação de sufocamento e da necessidade de tirar a máscara para falar.

Ainda, é relevante apontar que a argumentação que se vale da perda de liberdade também invoca a isotopia política do texto. O questionamento à idoneidade da Organização Mundial de Saúde dialoga, como já mencionado, com a postura do governo vigente em relação à pandemia de COVID-19. Encontramos, então, mais uma marca de que o destinador busca se apoiar no julgamento emocional do destinatário para concretizar a manipulação, tratando do tema da opressão. O conjunto de afirmações é a construção de uma narrativa polêmica, que propõe a ruptura de valores com a Organização Mundial de Saúde, colocando a OMS como portadora de um discurso mentiroso. É como se o próprio discurso mentiroso buscasse provar sua confiabilidade a partir da suposta farsa de outros.

A sanção que encerra o percurso narrativo, nesse caso, é a sanção cognitiva que desvela o estado mentiroso. Refletindo sobre as modalidades veridictórias de Greimas (1984), o texto apresenta uma assinalando que a recomendação da OMS parece verdadeira, mas não é, atribuindo à recomendação o estatuto de discurso mentiroso. Como dissemos, esse fazer-interpretativa da *fake news* em relação ao discurso da OMS coloca em questão o julgamento do sistema de valores do sujeito perante os valores expostos pelo destinador. Portanto, depreende-se que a efetividade da manipulação pretendida dependerá dos valores compartilhados, ou não, entre manipulador e manipulado (BARROS, 2005).

No nível discursivo, busca-se a análise da sintaxe e semântica do texto pelas escolhas do sujeito da enunciação (BARROS, 2005). O discurso da *fake news* analisado é enunciado por meio de uma debreagem enunciativa que produz a primeira pessoa, embora o eventual uso do “teu” esteja presente em alguns excertos. Logo, é importante pensar nos efeitos de sentido resultantes da assimetria oferecida e considerar que as marcas discursivas de proximidade e distanciamento podem promover efeitos positivos e negativos (BARROS, 2015). No discurso analisado, vemos a proposta do efeito de distanciamento pelo não uso da primeira pessoa, bem como o efeito de sentido de credibilidade com a escolha de termos e explicações médicas incomuns ao uso popular – que se perdem nas irregularidades do próprio texto, que ora busca afastamento e credibilidade, ora apresenta falhas de elaboração e valores ideológicos explícitos e disruptivos – orientações que divergem das propostas pela OMS. Além disso, ao apontar a

OMS como sujeito responsável pela manipulação e mentira, o destinatador se coloca como parte do coletivo e vítima da ação que está sendo denunciada, o que pode ser notado em excertos como “será que a OMS quer *nos* matar?”, adicionando mais uma etapa nesse jogo de distanciamento e aproximação, autoridade e subordinação que propõe – percebidos principalmente na utilização do linguajar médico.

Além do apontamento de todas essas estratégias que objetivam o convencimento do destinatário, é crucial marcar as divergências aparentes em relação ao discurso da *fake news* e as orientações da Organização Mundial de Saúde. Notamos aquilo que chamamos de escalonamento da verdade à falsidade, uma vez que o texto expõe problemas de saúde como hiperventilação, asfixia, mutismo e síndrome de hipercapnia que, embora sejam problemas reais, não são problemas causados pelo uso de máscaras para a prevenção da COVID-19 – as máscaras cirúrgicas são usadas muito antes do surgimento do vírus.

A alternância da primeira e terceira pessoa no discurso são evidentes quando comparamos o texto explicativo sobre a síndrome de hipercapnia e o restante das estratégias – vemos que as afirmações presentes no texto, até mesmo quando parecem inconstantes, ainda o fazem com a intenção de manipular o leitor. Há, também, a tematização política da *fake news* ligada interdiscursivamente por meio do discurso do presidente Jair Bolsonaro, que critica abertamente a OMS e as medidas de segurança propostas.

O resultado do fazer-interpretativo é alcançado quando averiguamos a organização linguístico-discursiva e examinamos as relações intertextuais concretas apresentadas no texto (BARROS, 2020). No caso apresentado, o texto traz conexões, ainda que contrárias, entre o discurso da OMS, como também ao discurso político de Bolsonaro. Além da intimidação, o texto não oferece qualquer alternativa de proteção contra o coronavírus, preocupando-se em condenar o uso de máscaras exclusivamente.

A *fake news* estudada coloca em dúvida as recomendações da Organização Mundial de Saúde, mencionando-a explicitamente e instaurando uma paixão negativa de medo ao perguntar se a Organização quer “nos matar lentamente”. Uma forma simples de desmascarar esse discurso mentiroso seria o cotejo com outros textos do mesmo tema (GOMES, 2019), por exemplo, o próprio site da OMS em que encontramos maior detalhamento de dados em relação às formas de transmissão e às medidas de segurança, que incluem a higienização das mãos, boa ventilação de ambientes, orientações sobre a forma adequada de retirar a máscara, tipos diferentes de máscara e suas respectivas funções. A Organização disponibiliza uma área em seu site especialmente reservada para as perguntas mais frequentes sobre o uso de máscaras: vídeos sobre o uso de máscara cirúrgica e máscara de pano; a forma correta de ajustar a máscara ao

rosto; máscaras para crianças e até mesmo oferece um curso gratuito com orientações sobre o uso de máscaras no contexto da pandemia de COVID-19.

Dentre as características de persuasão dos discursos mentirosos apontadas por Barros (2015; 2022) e Gomes (2019), destacamos as seguintes: o texto não detalha sua fonte de dados, não aponta o autor da imagem ou ao menos preocupa-se em comprovar cientificamente as afirmações dispostas. Percebe-se, ainda, um forte apelo às paixões e ao âmbito do sensível, como o medo (“impede a oxigenação pulmonar”) e a raiva (“simboliza o mutismo”) e uso de expressões intensificadoras (como a hipótese de a OMS querer matar a população, reiterada pela fonte grande e vermelha, numa perspectiva semissimbólica).

O nível fundamental do percurso gerativo de sentido em exposição nos apresenta a oposição semântica principal entre *vida vs. morte* e seus respectivos valores eufóricos e disfóricos. O destinador denuncia os riscos de saúde supostamente causados pelo uso de máscara e sugere que as orientações da Organização Mundial de Saúde têm como objetivo prejudicar a saúde da população. Tão logo, partindo dos elementos do percurso já citados, a formulação abstrata dos valores narrativos (BARROS, 2005) resulta na tematização da mentira em oposição à verdade, na tentativa de atribuir à OMS o papel de instituição mentirosa.

Uma vez considerada a imagem negativa da OMS proposta pelo destinador, é possível que o destinatário, manipulado, creia que a Organização objetiva promover o uso de máscaras consciente de seus possíveis danos (impedimento da respiração, intoxicação, asfixia, liberdade etc.) e, sobretudo nessa segunda perspectiva, é posta como uma Organização que deseja colocar em jogo a liberdade do outro, julgamento representado pela figurativização da perda de liberdade “física e psicológica”, segundo uma das afirmações do texto.

Colocamos em pauta o teor conspiratório do texto em exame, pois demonstra a intertextualidade com o discurso do governo vigente, como também converge com outras notícias mentirosas que sugerem conspirações entre China e outros países para a disseminação do coronavírus. O que essa interpretação nos possibilita, a nível fundamental, é também a oposição entre *liberdade vs. opressão*, tendo a Organização Mundial de Saúde como entidade opressora e a população oprimida pelas recomendações sanitárias, suscetível ao risco de perder sua liberdade e saúde caso siga os protocolos de saúde indicados, em ameaça de uma falsa sanção negativa.

Para sedimentarmos a leitura política desse exemplar de *fake news* –trazida pela menção da OMS, é válido mencionar que o atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, tem apresentado críticas diretas à OMS durante a pandemia de COVID-19. O presidente já alegou que a Organização não trabalha com embasamento científico e se mostrou contrário às medidas

de proteção recomendadas, como o uso de máscaras e o distanciamento social. Desse modo, observamos o cenário em que a Organização Mundial de Saúde é descredibilizada por meio de posicionamentos ideológicos que dependem do contexto político e sanitário atual.

A tematização se dá considerando a formulação de valores abstratos e a organização do percurso traçado pelo texto (BARROS, 2005). Dessa forma, é possível pontuarmos o discurso pretendido e a relação entre o tema e a figurativização empregada para materializá-lo. Aqui, a OMS ocupa o papel actancial de destinador-manipulador intimidador, sendo o uso de máscaras sua ferramenta de repressão e a população, a vítima oprimida. Nesse caso, podemos pesar sobre as duas perspectivas possíveis, saúde e política, que são representadas por figuras que simbolizam vida e morte, e liberdade e opressão, respectivamente.

2.2 Totalmente preocupante

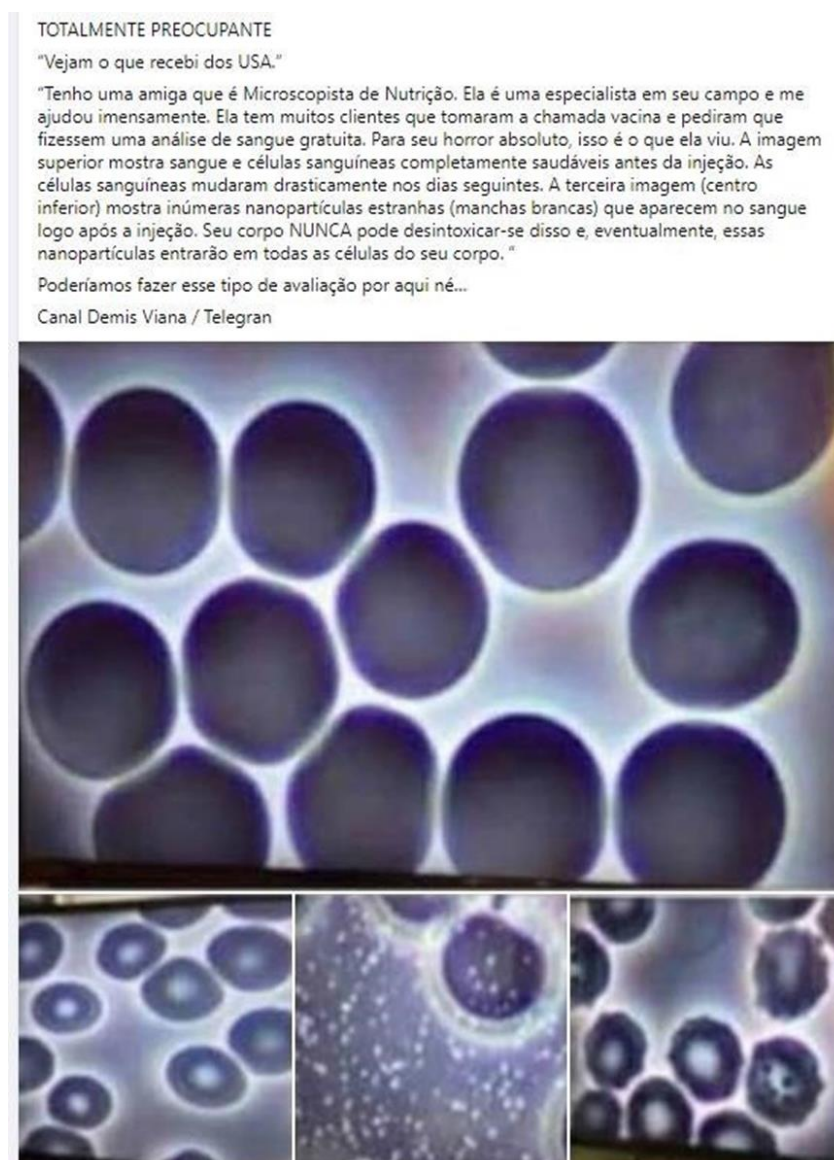


Figura 6 - Totalmente preocupante (Facebook, 2021)

O segundo texto investigado também circulou no *Facebook* no ano de 2021. Compartilhado em formato de *post*, acompanha imagens de uma “análise sanguínea gratuita”, executada por uma médica estadunidense “Microscopista de Nutrição”, mencionada como amiga da enunciativa. O texto é iniciado com o título em caixa alta, chamando a atenção: “TOTALMENTE PREOCUPANTE”. De imediato, percebemos a intensidade no dizer dos discursos mentirosos, uma vez que a leitura deste primeiro texto verbal se dá de maneira concomitante à visualização da imagem. Mesmo a escolha expressiva de grafar toda a frase em maiúscula faz parte dessa exacerbação.

Em sequência, recebemos a fonte das informações, disposta na primeira pessoa do singular: “Recebi dos USA”, como sinal de credibilidade da informação, uma vez que o texto afirma, posteriormente, que não fazemos esse tipo de análise no Brasil. Chamam a atenção esses mecanismos para assegurar ao leitor a veracidade do texto: o suposto embasamento científico, que ampara o fazer-criar, é legitimado pela médica especialista estadunidense, pelo texto visual do “antes e depois” das células sanguíneas, pelas escolhas lexicais como “nanopartículas”, “microscopista” e pela própria menção à médica. Vemos, nesse caso, um “fiador da verdade” (BARROS, 2022, m.p.), um testemunho, apelando para o sensorial e afetivo e colaborando para o efeito de criação de confiança entre enunciador e enunciatário.

Pensando sobre a sucessão de estados (BARROS, 2011), a nível narrativo, diz respeito a uma transformação almejada, que ocorre quando o enunciador propõe um fazer-criar pela manipulação por intimidação. O enunciador busca persuadir o destinatário de que, as células humanas “completamente saudáveis antes da injeção” mudam “drasticamente” após a vacina e que o corpo do vacinado “NUNCA pode desintoxicar-se disso” e que “eventualmente, essas nanopartículas entrarão em todas as células do seu corpo”. Em outras palavras, o destinatário passaria de um estado de conjunção com valores positivos como a vida e a saúde para um estado de disjunção em relação a eles, adoecendo. Instaurado o medo, o texto busca influenciar o leitor a não se vacinar para que permaneça em conjunção a esses valores positivos de vida e de saúde. Conforme exploramos, para que funcione, esse fazer persuasivo depende do fazer interpretativo do leitor. Nos trechos destacados acima, percebemos, ainda, o emprego de expressões intensificadoras: no plano da expressão, como a fonte grande do título e do “NUNCA”, o emprego de advérbios de advérbios de modo.

A partir desses mecanismos textuais, a sanção disposta pelo texto em relação à vacina é negativa, visto que as consequências dispostas são prejudiciais à saúde e irreversíveis. Seu objetivo final é, por esse percurso, concluir a mudança de estado por meio da intimidação: fazer com que o enunciatário esteja ciente dos malefícios provocados pela vacina e, por isso, não estando disposto a arriscar sua saúde, deixe de tomar a vacina.

A proposta principal deste enunciado se dá pelo julgamento da segurança e supostas consequências da vacina contra COVID-19. Para trabalhar essa temática, conta com a exposição de imagens de análise sanguínea como principal evidência dos malefícios da vacina, nas quais existe uma comparação entre uma amostra saudável (pré-vacina) e amostras não saudáveis (pós-vacina); entretanto, não encontramos uma explicação em relação ao significado da leitura das imagens expostas e quais seriam, de fato, a consequência dessas supostas nanopartículas no sangue. Existe, de fato, uma diferença entre as imagens dispostas neste exemplar de *fake news*,

porém, isso não é suficiente para identificar o motivo das irregularidades nas células que demonstram as consequências da vacina, tampouco se as amostras da fotografia são de fato verdadeiras.

Como vimos, o discurso traz mecanismos para criar a ilusão de realidade ao utilizar uma terceira pessoa como fonte de dados, supostamente especializada, ao mesmo tempo em que isenta aquele que posta a imagem nas redes sociais de responsabilidade direta pelo conteúdo transmitido. Dessa forma, existe a ilusão de um locutor que permite que outros assumam a responsabilidade pela enunciação - ou seja, a separação de locutor e enunciador. Ainda, vemos o uso de aspas para garantir a credibilidade das informações que estão sendo apenas “retransmitidas” para o enunciatário. A referência à médica e a um espaço exterior ao texto (Estados Unidos), por sua vez, “criam a ilusão de referente e, a partir daí, de fato verídico, de notícia verdadeira. Se são reais as personagens, os locais e os momentos em que os fatos ocorrem, torna-se verdadeiro todo o texto que a eles se refere” (BARROS, 2011, p.59).

Apesar de observamos o uso de um mecanismo similar ao utilizado nas notícias de jornais, a ilusão de distanciamento por meio da responsabilização de uma terceira pessoa pela fonte de dados, nesse caso, vemos um relato em primeira pessoa do singular – que nos dá no efeito de aproximação. O enunciador expõe, em primeira pessoa, as informações advindas de uma médica especialista. A alternância de vozes é muito comum nos casos de *fake news* e indicam as anomalias no texto (BARROS, 2015; 2022). Em paralelo a essa busca por formalidade e distanciamento, aparecem marcas explícitas de subjetividade: além do emprego da primeira pessoa, destacam-se expressões como “para seu horror absoluto”, características que afastam o texto dos gêneros científicos ou jornalísticos.

Outras inconsistências podem ser encontradas tanto no âmbito do contrato veridictório quanto no campo da verossimilhança, isto é, em uma referência falaciosa ao mundo exterior. Na sentença “Ela tem muitos clientes que tomaram a chamada vacina e pediram que fizessem uma análise de sangue gratuita”, por exemplo, observamos o emprego do termo “cliente” em vez de “paciente”, o que pode ser considerado uma falha ou anomalia no texto. No âmbito do verossímil, por sua vez, podemos destacar que os Estados Unidos não têm saúde pública gratuita, o que torna inverossímil a própria realização do exame conforme descrito.

No plano da expressão, o texto discorre sobre a origem da imagem e sua análise, sem exposição de dados científicos, bem como observamos a comparação visual microscópica demonstrando a diferença entre as células sanguíneas antes e depois da vacina contra COVID-19. Na primeira imagem as células têm aparência mais consistentes e arredondadas, enquanto as demais imagens apresentam células em formatos diferentes, menos arredondadas e com mais

texturas, repletas de pontos brancos que o texto afirma ser “nanopartículas”. Assim, embora haja a exposição de imagens científicas, estas não são acompanhadas de qualquer explicação mais detalhada. Vemos, aqui, o uso de imagens descontextualizadas para criar conformidade com aquilo que o destinador pretende afirmar, bem como a contradição entre o verbal e o visual, visto que, como mencionaremos adiante nesta análise, as imagens nada tem a ver com os resultados da vacina contra COVID-19 no sangue.

Além disso, temos uma segunda fonte de dados disposta ao final do texto, o “Canal Demis Viana / Telegran”. É interessante observar que, apesar de disposta enquanto fonte para transmitir crédito, Telegram está grafado incorretamente, denunciando mais uma anomalia típica dos discursos mentirosos. Além disso, as fontes citadas não são embasamentos teóricos de crédito, parecendo mais um recurso expressivo para transmissão da mensagem.

Pensando no texto analisado enquanto semissimbólico, podemos observar que a comparação dessas imagens demonstra, também, os estados de conjunção e disjunção com os valores propostos pelo enunciador. A primeira amostra sanguínea diz respeito àqueles que, antes da vacina, apresentam boa saúde e, portanto, estão em conjunção com os valores expostos (segundo o texto, a vacina é prejudicial à saúde). Por outro lado, aqueles que estão em disjunção com esses valores terão sua saúde prejudicada de maneira irreversível. Dessa forma, determina-se que aqueles que estão dispostos ou já tomaram a vacina estão sendo privados de um valor eufórico: a saúde ou, de maneira geral, da vida – em oposição à doença, ou à morte.

A nível fundamental, pensando nas oposições semânticas, as oposições entre *vida vs. morte* e *saúde vs. doença* podem ser encontradas. Nesse segundo texto observamos, simultaneamente, o amparo científico, supostamente da ordem do racional, e o forte apelo ao sensível, uma vez que busca causar medo no leitor destinatário.

Pudemos encontrar o objeto desta análise em um site de *fact-checking*, o Fato ou Fake, que nos traz explicações de uma médica. Segundo Doutora em hematologia pela Escola Paulista de Medicina, professora do Uniceplac e médica hematologista do Hospital Sírio-Libanês, Martha Mariana Arruda, as irregularidades apresentadas nas amostras sanguíneas se devem ao mal preparo das lâminas que foram analisadas.

2.3. O vírus não é natural

O VÍRUS NÃO É NATURAL

O professor de fisiologia da medicina do Japão, o professor Tasuku Honjo, criou hoje uma sensação diante da mídia dizendo que o vírus corona não é natural. Se fosse natural, não teria afetado adversamente o mundo inteiro assim. Porque, conforme a natureza, a temperatura é diferente em diferentes países. Se for natural, teria afetado adversamente apenas os países com a mesma temperatura que a China. Em vez disso, está se espalhando em um país como a Suíça, da mesma forma que está se espalhando nas áreas desérticas. Considerando que, se fosse natural, teria se espalhado em locais frios, mas morrido em locais quentes. Eu fiz 40 anos de pesquisa em animais e vírus. Isso não é natural. É fabricado e o vírus é completamente artificial. Eu trabalhei por 4 anos no laboratório Wuhan da China. Conheço bem todo o pessoal desse laboratório. Eu telefonei para todos eles, depois do acidente de Corona. mas todos os seus telefones estão inoperantes nos últimos 3 meses. Agora, entende-se que todos esses técnicos de laboratório morreram. Com base em todo o meu conhecimento e pesquisa até a data, posso dizer isso com 100% de confiança de que Corona não é natural. Não veio de morcegos. A China fabricou. se o que estou dizendo hoje se provar falso agora ou mesmo depois da minha morte, o governo poderá retirar meu Prêmio Nobel. Mas a China está mentindo e essa verdade será um dia revelada a todos. '

https://en.m.wikipedia.org/wiki/Tasuku_Honjo



Figura 7 - O vírus não é natural (Facebook, 2020)

A falsa revisão Histórica e a descontextualização de imagens e utilização delas com livre interpretação são mais alguns dos mecanismos utilizados pelas *fake news* (BARROS, 2022), como vemos nesse exemplar. Para fazer valer esse tipo de manipulação, o enunciador se utiliza de marcas discursivas que trazem o efeito de verdade, como o uso de um *link* da Wikipédia que nos redireciona para a página de Tasuko Honjo no *site*. Honjo é, de fato, imunologista e vencedor do Prêmio Nobel de Medicina de 2018 e a pessoa que aparece na foto; entretanto, o médico se pronunciou pessoalmente para desvelar o discurso mentiroso em pauta, por meio uma publicação no *site* da Universidade de Kyoto. Este tipo de mecanismo parte da criação de um referente ilusório, e constitui o “simulacro de um referente externo” (BARROS, 2022, n.p.) – que, embora pareça, não é “real”. Vale, ainda, ressaltar que a contradição entre o verbal e o visual são anomalias de organização discursiva e textual que se apresentam tanto no plano do conteúdo como do plano da expressão (BARROS, 2022).

Além disso, o *link* em questão é posto como fonte de dados, mas não direciona o destinatário às supostas falas do médico, apenas à sua biografia. Assim como no texto apresentado na seção anterior, a fonte funciona apenas no âmbito da expressão, neste texto enquanto *link* de acesso para um suposto referente daquilo que é dito. Nos dois casos as “fontes” não funcionam, de fato, enquanto referências de conteúdo das notícias falsas.

O texto atende a mesma disposição do anterior, relativa ao gênero discursivo emergente *postagem*. Assim como naquele, a sentença-título aparece grafada em letras maiúsculas: “O VÍRUS NÃO É NATURAL”: é o início do *post* e a tese defendida, “cientificamente”, na primeira parte do texto. Pensando na construção narrativa, vemos enunciados de estado, de (não) ser. Na narrativa, o vírus *não é* natural porque, se o fosse: a) “não teria afetado adversamente o mundo inteiro assim. Porque, conforme a natureza, a temperatura é diferente em diferentes países. Se *fosse* natural, teria afetado adversamente apenas os países com a mesma temperatura que a China”; b) “teria se espalhado em locais frios, mas morrido em locais quentes”; mas, c) “Em vez disso, está se espalhando em um país como a Suíça, da mesma forma que está se espalhando nas áreas desérticas”. A argumentação, nesses trechos, está disposta como se o fato de o vírus ter se tornado um fenômeno pandêmico o tornasse não-natural. Defende-se que o vírus se configura em desconformidade com a natureza.

Novamente, as informações dispostas no texto objetivam criar a ilusão de credibilidade por se colocarem como afirmações científicas. Fala-se da temperatura, da natureza, de países específicos e áreas desérticas (referentes externos, de forma a ancorar o texto no mundo real). Até então, vimos apenas um texto que expõe fatos supostamente científicos sem qualquer embasamento teórico. Na sequência, passamos a identificar marcas de alternância de vozes (BARROS, 2022), bem como anomalias no texto se fazem presentes por meio a inserção abrupta da primeira pessoa. Mesmo alguns erros de conjugação verbal podem ser encontrados.

Em um primeiro momento, estamos lendo um texto na terceira pessoa que nos apresenta o médico mencionado e, muito de repente, o destinatário se depara com supostas falas de Honjo em primeira pessoa. Ainda no início, apresentam-no como “professor de fisiologia da medicina do Japão”. Vemos aqui mais um exemplo de mecanismo das *fake news* que consiste no uso de pessoas de renome, como cientistas, médicos, políticos etc., isto é, aqueles que estão na posição de “sujeito do saber e/ou do poder” (BARROS, 2022, n.p.).

Após a argumentação “científica”, começam uma série de afirmações iniciadas com “eu”, supostamente validadas por esse sujeito detentor do conhecimento e vencedor do Prêmio Nobel: “Eu fiz 40 anos de pesquisa em animais e vírus”; “Eu trabalhei por quatro anos no laboratório de Wuhan da China. Conheço bem todo o pessoal desse laboratório”; “Eu telefonei para todos eles”; “Com base em todo meu conhecimento e pesquisa até esta data, posso dizer isso com 100% de confiança de que Corona não é natural”. Nesses excertos, a tentativa de manipulação acontece por meio desse sujeito de renome que detém o conhecimento e serve como “fiador” (BARROS, 2022, n.p.) daquilo que é dito.

Essa alternância de vozes e aproximação com o uso da primeira pessoa pode ser observada com uma inconsistência chamada “camuflagem subjetivante” (BARROS, 2022, n.p.), que consiste na manifestação explícita do sujeito da enunciação e é muito empregada nos discursos de desinformação.

Ainda, alguns elementos do plano da expressão podem ser destacados como anomalias, como a ausência de letra maiúscula no início de algumas frases. Como mencionamos, título em letras maiúsculas destaca a exacerbação dos dizeres, também apontada como característica dos discursos mentirosos. É necessário observamos que o papel desse tipo de mecanismo “é o de contribuir para a formação da pós-verdade, para a criação de valores e crenças que sustentem os valores de determinados grupos, camadas e classes” (BARROS, 2022, n.p.).

No que diz respeito ao percurso discursivo, neste caso, é válido comentar que não é recente o debate em torno da decadência da hegemonia dos Estados Unidos da América (EUA). Para autores como Arrighi (1996), a década de 1970 inaugurava um período de instabilidade global que assinalava o fim da posição dos EUA como superpotência capitalista única e incontestada. Tal debate tem sido retomado recentemente e com cada vez mais força. Dessa vez, a China é apontada como a desafiante (Arrighi et al, 1999; Arrighi, 2008). Essa tese é reforçada pela transformação da milenar civilização asiática em “fábrica do mundo”, tendo, inclusive, superado em 2017 o PIB dos EUA em paridade de poder de compra (Banco Mundial). Com a pandemia da COVID-19, a China se afirmou ainda mais como liderança global. Nesse contexto de disputa entre uma potência nascente e outra em seu ocaso, muitas forças políticas e ideológicas se reorganizaram, buscando maior alinhamento com uma ou outra força, a depender dos seus interesses.

Em junho de 2022 os EUA ultrapassaram 1 milhão de mortes por COVID-19, considerando que, no mesmo período, a China não chegou a 20 mil mortes (OMS). Tal resultado demonstra a disparidade no enfrentamento à pandemia. Entretanto, para além dos resultados objetivos, desde o princípio a pandemia foi politizada, especialmente por movimentos de extrema direita, sendo a maioria deles alinhados aos EUA.

A declaração da pandemia pela OMS, em 11 de março de 2020, resultou na intensificação da campanha anti-chinesa nos EUA. O maior exemplo disso foi a utilização recorrente do termo “vírus chinês” pelo então presidente Donald Trump, especialmente no início da pandemia. Tal movimento ecoa o sentimento anti-chinês que tem se fortalecido na sociedade estadunidense.

O discurso mentiroso que faz uso da imagem do Nobel de Medicina, Tasuku Honjo, se insere nesse contexto. O falso relato que insinua a fabricação do vírus viralizou nos idiomas português e inglês ainda em abril de 2020 e foi rechaçado pelo próprio imunologista, conforme

mencionado. O fato de o mesmo relato fraudulento viralizar em ambos os idiomas demonstra as conexões entre os movimentos de extrema direita estadunidense e brasileiros, como atestam as conexões entre o trumpismo e o bolsonarismo. Além disso, esse não é o único discurso mentiroso sobre a pandemia mobilizado contra a China por tais movimentos, sendo a maciça campanha de desinformação contra a vacina desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac um importante exemplo, entre muitos outros. Com isso, observamos a tentativa de fazer com que os valores do enunciatário entrem em conformidade com os valores dessas pessoas ou grupos, por um viés ideológico.

No nível fundamental, observamos a oposição entre *natureza vs. cultura*. Segundo o enunciador, se o vírus fosse “natural”, “teria afetado adversamente apenas os países com a mesma temperatura que a China”, mas, ao contrário, é “completamente artificial”, fabricado pela China e, portanto, ideológico.

Partindo do que já vimos na primeira e segunda análise, vimos novamente a assimetria entre destinador e destinatário reforçada também pela ideia de que a *internet* é fonte de conhecimento e pelo problema da autoria do exemplar. Embora seja utilizado uma figura de renome, Honjo, o texto peca pelo estilo e estrutura: o linguajar pouco se aproxima do científico, além da alternância de pessoas em sua elaboração e falhas em sua estrutura, tais como “posso dizer com 100% de confiança de que o Corona não é natural” e “A China fabricou. se o que estou dizendo hoje se provar falso agora (...)”.

Observamos, portanto, um discurso repleto de anomalias que nos indicam que apesar de todos os artifícios utilizados para o fazer crer, trata-se de um texto mentiroso que utiliza, principalmente, da ancoragem na figura de uma personalidade de renome na área temática.

3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA ERA DAS *FAKE NEWS*: SE ESTÁ NA INTERNET, É VERDADE?

No presente capítulo, pretendemos esboçar uma discussão acerca da educação como ferramenta de conscientização para se evitar aceitar os discursos mentirosos como verdadeiros. Buscamos identificar alguns elementos que ressaltam o elo entre as problemáticas da disseminação de *fake news* e questões de ensino-aprendizagem, à luz da semiótica discursiva.

Cabe-nos, assim, pensar sobre as especificidades que esses discursos assumem por circularem na *internet*. Conforme vimos, a complexidade desses discursos decorre da posição intermediária ocupada pelo texto falado e pelo texto escrito, e os diferentes efeitos de sentido que produzem (BARROS, 2015), sendo “a interatividade exacerbada, a longa duração ou permanência dos discursos e a grande extensão de seu alcance comunicacional” (BARROS, 2015, p. 7) algumas das características que integram esse complexo. Além dessa complexidade, Barros (2015, p. 22) ainda destaca a “organização enunciativa e veridictória dos discursos” emergentes.

De acordo com Gomes (2019), dentre as práticas relativas à circulação dos textos na *internet*, apresentam-se questões como citações de autoria atribuída erroneamente, repostagem de textos sem fonte, apelos às paixões, dentre outras estratégias enunciativas e veridictórias. Esses são alguns aspectos que devem ser observados na leitura desses gêneros.

A interatividade e duração/permanência dos discursos mentirosos na *internet*, bem como a gravidade das informações disseminadas (pensando nas *fake news* da área da saúde, por exemplo) reiteram a necessidade de se pensar na importância da formação dos estudantes que se deparam com tais discursos, reflexão que se encaminha para questões de ensino-aprendizagem. Se não é possível controlar a produção e o alcance desses materiais na *internet* e, ainda que existam, os portais que desmascaram os discursos mentirosos não são 100% efetivos em sua função – visto que os discursos mentirosos continuam se propagando e sendo aceitos como verdadeiros, por diversas razões, inclusive ideológicas. Por isso, é necessário preocupar-se com as condições de interpretação dos indivíduos que terão, cedo ou tarde, contato com esses discursos, sobretudo quando ainda estiverem no ensino básico.

Greimas (2014), ao discutir a questão da verossimilhança aponta que, até certa idade, crianças não conseguem distinguir o discurso fantasioso daquele que mais se aproxima de uma correspondência do “real”, não sabendo discernir personagens “reais” dos fictícios. Para o autor, “o caráter verossímil do discurso só pode ser adequadamente formulado pela classe dos adultos e por isso pressupõe certo grau de desenvolvimento da inteligência.” (GREIMAS, 2014, p. 116), uma vez que o verossímil está relacionado a um universo extralinguístico e atende a certo

relativismo cultural e pode variar de acordo com condições históricas e temporais de cada sociedade. Assim, torna-se papel dos educadores apontar, para as crianças que ainda não fazem essa distinção, aquilo que é verossímil ou não à vida na sociedade brasileira. Para tanto, faz-se necessária a mediação para uma leitura crítica e científica (SIEBERT; PEREIRA, 2020) e é necessário que o educador esteja ele mesmo a par da realidade concreta em que está inserido.

Conforme exploramos, do ponto de vista semiótico, interessa-nos não a verossimilhança – a relação do texto com sua exterioridade discursiva –, mas a veridicção, isto é, os percursos veridictórios do interior do texto que colaboram para um fazer-criar.

Gomes (2019) reflete sobre a veridicção, o ensino da leitura e a dificuldade que alguns leitores têm de discernir um texto falso de um verdadeiro. Para combatê-la, a autora propõe um trabalho de cotejo de informações entre textos da mesma temática, bem como a análise dos recursos linguístico-estilísticos que são comuns às *fake news*, conforme levantamos anteriormente e exemplificamos nas análises. Cotejar diferentes fontes de informação e entender seus mecanismos de construção de sentido do texto colaboram, assim, para que o estudante alcance o verossímil e o verídico, sendo este último sobre a qual nos debruçamos semioticamente nas análises.

Visto que os enunciados utilizam de dispositivos veridictórios para fazer-criar, é importante que a escola se encarregue de ensinar os alunos a reconhecerem essas marcas no texto, para que possam identificá-las e contrapô-las com uma interpretação mais racional e pautada em evidências. Barros (2019) elenca algumas estratégias para desmascarar textos mentirosos:

1. Reconhecer diálogos estabelecidos entre outros textos/discursos: uma das estratégias mais eficientes de desmascaramento de discursos mentirosos;
2. Encontrar contradições de ordem semântica entre o verbal e o visual: o uso descontextualizado de imagens e elaboração de outra interpretação para fazer valer os valores do destinador;
3. Identificar textos/discursos que apresentam falsas revisões do passado e da História: a identificação de diálogos com outros textos é fundamental para a análise desses casos, que contribuem para a formação da pós-verdade;
4. Marcas de organização linguístico-discursiva do texto/discurso: a identificação de pistas como a má elaboração de textos, uso de estratégias inadequadas, contradições, fuga do padrão do gênero, linguajar inapropriado etc.; e

5. Identificar temas e figuras: uso de figuras e temas que favorecem a perspectiva do destinatador.

Assim, distante de uma interpretação afetiva e sensorial comumente proposta pelas *fake news*, essa “interpretação mais ‘racional’ só pode estar fundamentada no exame da ‘exterioridade’ discursiva, tal como a semiótica a concebe” (BARROS, 2019, p. 5). Para isso, é necessário compreender a organização discursiva do texto, os temas, as figuras e, então, o viés ideológico do enunciador, sendo capaz de identificar casos de intertextualidade ou interdiscursividade nesses enunciados. (BARROS, 2019).

Gomes (2019) ainda aponta que, para além de uma leitura apaixonada ou temática, existe a necessidade de explorar os aspectos linguístico-discursivos que constituem sentido ao texto, de forma a habilitar o estudante a concretizar uma interpretação crítica. Com o amplo acesso à *internet*, o objetivo da escola já não está mais atrelado ao incentivo à leitura exclusivamente, mas também deve preocupar-se com o entendimento, com a construção de uma leitura crítica e reflexiva e à capacidade de seleção de dados confiáveis. Por isso, o educador deve estar ciente de sua responsabilidade por adquirir bagagem para acessar os desafios impostos pelas novas tecnologias, considerando as peculiaridades dos gêneros discursivos emergentes. Cabe ao educador expor esses textos em sala de aula, utilizar-se desses gêneros discursivos, uma vez que:

Se essa é uma realidade, a escola não pode deixar de levar em conta essa experiência dos alunos e compreender o que e como os alunos leem, além de aproveitar o potencial das novas tecnologias para incrementar ações que lhes permitam saber ler criticamente os textos que já fazem parte de seu universo comunicativo e a ampliar a rede de textos a que possam ter acesso por meio da *web*. (GOMES, 2019).

Portanto, além de selecionar textos autênticos que façam parte da realidade de seus estudantes, o professor precisa mediar uma leitura atenta e questionadora. Nesse sentido, podemos relacionar o proposto com alguns princípios freirianos.

Uma das possibilidades dessa articulação entre educação e semiótica para desvelar os discursos mentirosos é distanciar-se daquilo que Paulo Freire (2013) chama de educação bancária. Entende-se como educação bancária a forma de educar que se baseia na ideia de que ensinar é depositar conteúdo, sendo o educador o depositante e os educandos os depositários e, assim, a comunicação entre educador e educando limita-se a comunicados, memorizações, repetições e arquivamentos (FREIRE, 2013).

O ensino bancário, por meio desse modo de fazer mecânico prioriza, então, um modelo de educação engessado em vez de incentivar a criticidade. Pensando em uma perspectiva progressista da formação docente, como é proposta pelo autor, o ensino não deve ser encarado como transferência de conhecimento, mas, sim, uma relação de cunho gnosiológico, um meio de possibilitar produção e/ou construção de conhecimento (FREIRE, 2011).

O método, necessário para a aprendizagem, pouco tem a ver com a ideia de transferência bancária, como mencionamos. Atrela-se, na verdade, à aproximação dos objetos cognoscíveis – não significa ater-se apenas ao tratamento do objeto analisado, mas também “se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 2016, p. 20). Isso implica condições de aprendizado que abrangem os educandos e educadores, que devem colocar-se na posição de criar, instigar, inquietar, causar curiosidade, humildade e persistência. É preciso que o educando também tenha a consciência de que não cabe a ele ser apenas alvo da transferência de informações, mas, sim, agente ativo de seu aprendizado, sabendo que, assim como ele, o educador é responsável por colaborar com a ruptura desse modo de ensinar engessado. Portanto,

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente, memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória — não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. (FREIRE, 2016, p. 21)

Além disso, é na busca da autonomia proposta como um dos objetivos da prática docente progressista que devemos rejeitar os modos de fazer autoritários e/ou paternalistas e incentivar a curiosidade do educando. É notável que a curiosidade é uma das características imprescindíveis como ferramenta dos sujeitos que poderão questionar os discursos mentirosos:

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (FREIRE, 2011, p. 66).

Vemos, então, que, além da curiosidade, a criticidade é chave fundamental no percurso de questionamento que buscamos diante do fenômeno dos discursos mentirosos. É por meio da criticidade que a curiosidade deixa de ser ingênua e se torna “curiosidade epistemológica” – aquela que é crítica e se aproxima do objeto cognoscível de maneira metodicamente rigorosa (FREIRE, 1996, 2011), funcionando como instrumento de amparo em oposição ao modo de manipulação que se apoia em julgamentos emocionais e sensoriais.

O movimento de passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica (epistemológica), o estímulo à inquietude, à indagação, é, também, um objetivo que pertence à prática de uma educação progressista, que faz parte dos objetivos de formação de sujeitos que questionam outros, questionam os objetos e também se interrogam. Para tanto, precisam se conscientizar de sua condição enquanto seres inacabados, seres condicionados por heranças culturais, sociais e históricas, mas não seres inevitavelmente limitados e determinados por elas. É preciso, também, que não se isentem das responsabilidades éticas, políticas, sociais e históricas que temos enquanto seres condicionados e inacabados (FREIRE, 2011).

Conforme Freire (1996, p. 36), “onde há vida, há inacabamento”, consciência que alcança apenas a espécie humana. A existência em si apoia-se, segundo o autor, nos suportes adquiridos por nós, como a linguagem, a cultura e a comunicação em camadas mais profundas, por exemplo. Somos capazes, portanto, “(...) de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixa e de indignidade. Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética” (FREIRE, 1996, p. 37). Dessa forma, utilizando-se do suporte e criando o mundo como conhecemos, os seres humanos encontram-se diante de paradoxos: o bem e o mal, o belo e o feio etc. Nota-se, assim, o poder de escolha e os deveres políticos que nos acometem.

O autor afirma que somos seres de existência não pré-estabelecida, inacabados e, por isso, podemos ousar ter esperança, uma vez que é possível intervirmos em nossa realidade inacabada. Aponta, logo, a diferença entre o ser condicionado e o ser determinado: o ser inacabado que não se reconhece de tal forma e o ser inacabado que é capaz de enxergar-se como tal, social e historicamente. A partir dessa percepção, podemos nos encarar na posição de sujeitos que se inserem no mundo, “sujeitos também da história”, não renunciando nosso papel ontológico de intervenção no mundo. (FREIRE, 1996)

O sujeito que, curioso, exerce seu poder de questionamento, é peça valiosa no atual embate que traçamos contra discursos mentirosos. Quando o docente – que também divide com o discente as responsabilidades mencionadas – objetiva a formação de um sujeito capaz de se

entender também como agente ativo do próprio conhecimento, é possível vislumbrar os próximos passos em nossa busca pela verdade.

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado, e sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor. (FREIRE, 2011, p. 96)

A principal reflexão aqui pretendida diz respeito à organização das notícias mentirosas e, desse modo, aos artifícios de convencimento por elas utilizados, bem como uma reflexão sobre papel da escola nesse cenário, partindo da rejeição aos modos de ensino que implicam sujeitos que se tornam receptores passivos de conhecimentos.

É preciso apontar que a busca por fontes de dados confiáveis é necessária e não apenas de forma mecânica, posto que as notícias mentirosas apelam para o engajamento emocional e ideológico e, por isso, questionam não só o nosso conhecimento ou habilidade de obter conhecimento factual, como também nossas crenças e opiniões pessoais, como vimos nos exemplos escolhidos. Bem como um vírus, os discursos mentirosos afetam o coletivo e, por isso, é importante que a busca pela verdade seja o objetivo atrelado à consolidação de ferramentas de ensino que criam a possibilidade de julgamentos racionais e fundamentados, objetivo tal que vai além de nossas emoções e crenças individuais.

Percebemos que, no que concerne ao questionamento aos métodos de ensino, enfrentamos o problema da autonomia e da educação bancária, bem como a possibilidade de reconstrução de aprendizado, dada pela habilidade de apreensão que temos enquanto seres humanos (FREIRE, 2011). Nessa perspectiva, a autonomia dos indivíduos será alcançada por meio de suas ações que, motivados pela curiosidade, os tornem capazes de questionar e construir conhecimento de forma mais crítica, autônoma e racional, adequados para conectar o conhecimento apreendido à prática, evitando as opiniões precipitadas.

No contexto das notícias falaciosas e seus meios de distribuição, é necessário considerar o problema da inclusão social, que se mistura com as circunstâncias impostas pela pandemia de COVID-19, momento no qual estivemos mais conectados do que nunca antes, em um país que apresenta as condições de acesso à dispositivos e *internet* expostos anteriormente.

Tratando-se da questão do aprendizado, Pozo (2002) aponta que a atuação do educador e do educando são contestados primeiramente; entretanto, pontua que, muitas vezes, nossos

objetivos sofrem interferência daquilo que não foi pensado para nós, não considerando nossas limitações e recursos, o que pode ser refletido no cenário do ensino-aprendizagem. O autor acredita que conhecer melhor o funcionamento da aprendizagem como processo psicológico pode servir como ferramenta para compreender e superar dificuldades, levando em conta os recursos, capacidades e disposições limitados daqueles que aprendem e ensinam – o objetivo é afastar-se de uma “receita de bolo”, daquilo que é estruturado de maneira inflexível.

As estratégias de persuasão nas quais as *fake news* vão de encontro, justamente, com o modo de ensino progressista proposto por Freire, que incentiva a curiosidade, a autonomia, a construção do saber pelos educandos e educadores, e a aproximação do objeto em análise, como vimos anteriormente. Isso posto, cabe-nos, enquanto educadores, incentivar os modos de aprendizado que priorizam essas características para que alcancemos uma sociedade mais participativa, consciente, ativa em seu aprendizado e, acima de tudo, questionadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo abordamos as definições de *fake news* e sua perspectiva histórica – vimos que as notícias falaciosas não são uma modalidade tão nova –, passando pelos conceitos de sujeito moral, a subjetividade da construção da verdade e o não estabelecimento da verdade pela experimentação, mas sim pela conformidade com os poderes dominantes, que traz a acomodação dos sujeitos em um comportamento que se adeque ao grupo. A verdade, ainda, é permeada pelo quadro histórico, considerando o momento social, cultural e político. Pensamos, ainda, sobre os mecanismos de funcionamento da *internet* e os filtros que determinam o acesso à informação de acordo com as preferências dos usuários, como uma curadoria, personalizando a experiência individualmente – criando espaços limitados e pouco abertos à debates, por unirem grupos de mesma opinião. Levando em conta o funcionamento dos filtros da *web* e as câmaras de eco, pontuamos a relevância do posicionamento do governo vigente que se opôs à medidas de segurança durante a pandemia de COVID-19, inevitavelmente influenciando seus apoiadores.

A mudança do conceito de informação ao longo do tempo nos leva ao conceito de desinformação: informações falsas, com criação e distribuição intencionalmente prejudicial a algo, alguém ou a um grupo. A desinformação nos chama atenção na era das *fake news*, uma vez que estamos cada dia mais conectados à *internet* e enfrentamos a questão da liberdade de expressão, dado o modo de comunicação de muitos para muitos, como mencionamos na terceira parte do primeiro capítulo. Por isso, consideramos, então, o meio de inserção dos discursos, uma vez que isso determina as características dos gêneros textuais. Nesse caso, as *fake news* se inserem nos gêneros emergentes, adentrando a esfera das interações na *internet* e, neste trabalho, mais especificamente a rede social *Facebook*, abordada com o exame de três exemplares nela encontrados. Observamos, portanto, a posição intermediária dos textos que se inserem na *internet*, que estão entre os extremos da fala e da escrita. Vimos, nos exemplos examinados no segundo capítulo, a conjunção concessiva entre contrários, quando nos deparamos com textos escritos que apresentam qualidades de textos falados, a apresentação subjetiva de dados, a alternância de vozes no discurso etc; sempre oferecendo a verdade como efeito de sentido.

O primeiro exemplar escolhido para abordar o fenômeno das *fake news* na área da saúde é um texto que funciona um panfleto informativo, conforme mencionamos em sua análise. O texto, repleto de informações acerca do uso de máscaras dispõe a interrogação que nos chama a atenção: “A MÁSCARA É EFICAZ?”, junto às figuras do plano do conteúdo, com

organização sincrética que disponibiliza a imagem de uma máscara cirúrgica circundada por informações em relação ao questionamento da eficácia do uso de máscaras como forma de proteção contra o coronavírus.

Apontamos, então, as características do texto que se valem da interpretação emocional e sensorial, assimetria entre destinador e destinatário dada pela ideia de autoridade trazida pelo saber da área da medicina, isotopia política pelo questionamento à OMS, manipulação por intimidação, aproximação e distanciamento pelo uso de diferentes vozes no texto, oposição entre vida versus morte e liberdade versus opressão, uso do linguajar médico para criar efeito de credibilidade, ruptura de ordem semântica pela mudança abrupta na temática, exposição de informações científicas sem fonte de dados, má elaboração do texto pela irregularidade estrutural na tentativa de se aproximar do padrão científico, escalonamento da verdade à falsidade.

No segundo exemplar, nos deparamos a disposição de informações advindas de uma médica, acompanhadas de imagens de análises sanguíneas que supostamente atestam a veracidade das afirmações expostas, demonstrando as consequências da vacina contra a COVID-19 no sangue. Vimos a exacerbação do discurso pelo uso de caixa alta já no título da “notícia”, suposto embasamento científico pelo uso da voz de uma médica não especialista no tema bem como uso de imagens de análise sanguínea, contraposição de valores eufóricos e disfóricos para fazer valer a manipulação por intimidação (vida versus morte, saúde versus doença), sanção negativa do uso da vacina contra COVID-19, exposição da suposta enunciação de terceiros para isenção de responsabilidade e a ideia de referente com a menção de uma médica e dos EUA, tentativa de distanciamento que se perde na subjetividade pelo uso da primeira pessoa, marcas de inverossimilhança e erro na grafia de palavras.

Em nosso terceiro exemplar, encontramos o texto de um médico que supostamente expõe a fabricação do coronavírus em laboratório, acompanhada de uma imagem de Tasuku Honjo. Vimos elementos como a falsa revisão Histórica, descontextualização e livre interpretação de imagens, marcas discursivas que causam a sensação de credibilidade como o uso de um *link* para fonte de dados que não exhibe as informações dispostas no texto em si, falhas estruturais e estilísticas na elaboração do texto com o não uso de letra maiúscula no início de algumas frases ou o distanciamento do linguajar científico, alternância de vozes no discurso, percurso discursivo marcado ideologicamente, oposição entre natureza versus cultura no plano fundamental, contradição entre o verbal e o visual pela ancoragem

Um dos questionamentos primordiais diante desses textos é o problema da autoria e a construção da credibilidade da fonte de informação (BARROS, 2015). O primeiro texto em

análise não apresenta qualquer informação em relação à autoria ou a fonte dos dados expostos. De toda forma, o mesmo texto circula na *web* com diferentes indicações autorais.

Após a verificação da autoria e fonte de dados dos materiais recebidos em geral, podemos observar os diálogos estabelecidos com outros textos e discursos, contradições na organização semântica, a organização linguístico-discursiva, entre outros métodos que apoiarão uma interpretação menos emocional e sensorial e mais racional. Sendo assim, “essas estratégias têm em comum o fato de produzirem efeitos de sentido de contradição, incoerência, ruptura, estranhamento e de aparecerem nos discursos mentirosos de quaisquer tipos” (BARROS, 2022, n.p.).

Vimos, também, os casos de dialogismo que têm como base o emprego da ancoragem em outros textos, dando a ideia de referencial externo e “real”, especialmente para fazer parecer aquilo que se quer dizer, para manipular o destinatário – como é o objetivo das *fake news* – com o uso de linguajar aparentemente científico, menção de figuras renomadas no texto, são algumas dessas estratégias que, se examinadas, demonstram justamente as incoerências e contradições entre as vozes, como no segundo e terceiro exemplares deste trabalho:

Essas polêmicas ocorrem com discursos de especialistas da área temática dos discursos mentirosos; com textos neles explicitamente citados ou de e sobre pessoas neles mencionadas; com outros textos de seus enunciadores; ou ainda com o “mesmo” texto, mas em outro contexto (Barros, 2020a, 2020b). (BARROS, 2022, n.p.)

É válido, ainda, mencionar que a ancoragem em supostos referenciais externos faz parte das estratégias de manipulação das *fake news* que buscam pela adesão emocional e sensorial de seus enunciatários. A semiótica, por outro lado, preocupa-se em desmascarar esses discursos a partir da organização interna do discurso, valendo-se dos próprios elementos internos para isso:

A semiótica, ao assumir, desde seus princípios, uma postura epistemológica “não referencialista”, não trata da “exterioridade” discursiva como “exterioridade”, ou seja, como algo exterior ao texto ou ao discurso, mas não deixa de examinar, sob outro prisma e com outros nomes, as “verdades” que os sujeitos produzem em seus contratos enunciativos, ou seja, as variadas questões que, em quadros teóricos diferentes, são denominadas “exterioridade”. (BARROS, 2022, n.p.)

O simulacro (GREIMAS, 2014) de credibilidade ou confiabilidade tenta ser alcançado pelo estabelecimento do contrato fiduciário entre destinador e destinatário, por meio da adesão emocional e sensorial dos destinatários e se baseiam em camuflagens objetivantes ou subjetivantes (BARROS, 2022), como vimos nos exemplos trazidos neste trabalho. Ora nos

deparamos com a tentativa de distanciamento pelo uso da terceira pessoa ora vemos a aproximação pelo uso de primeira pessoa (fiador da verdade), considerando, ainda, que esse procedimento pode ocorrer com alternância de vozes, como observado nos três casos expostos.

Por meio da análise da organização discursiva observamos no plano do conteúdo e no plano da expressão desses exemplos estratégias de rupturas semânticas (fuga do tema), transformação de atores, conclusões indevidas e contradições entre o verbal e o visual.

Dentre as operações e percursos do contrato de veridicção, duas operações e dois percursos se fizeram mais relevantes e foram observados durante as análises (BARROS, 2022):

Percursos:

1. Falsidade > Mentira > Verdade – percurso das *fake news*; e
2. Verdade > Segredo > Falsidade – percurso das falsas revisões da História, da ciência e dos discursos conspiratórios.

Operações:

1. Implicativa: Discursos verdadeiros e falsos – parecem e são verdadeiros ou **não parecem e são falsos**; e
2. Concessivas: Discursos mentirosos e secretos – **parecem verdadeiros e não são** ou não parecem e são verdadeiros.

Quando falamos em um conceito de verdade que se afasta da experimentação e dos fatos, e se aproxima de achismos, emoções e crenças, nos deparamos com o termo pós-verdade, que muito nos chama atenção por configurar, justamente, aquilo que ocorre na interpretação das *fake news*: quando fatos são menos relevantes do que o apelo emocional e às crenças. Por esse motivo, pontuamos a necessidade de atrelar a educação ao processo de desvelamento das notícias mentirosas. Percebemos, portanto, que é preciso negar os modos da educação bancária e afastarmo-nos dos objetos de análise de forma crítica, bem como a necessidade de distanciamento de julgamentos pautados nas emoções e crenças. É importante, dessa forma, estimular a discussão em oposição à conformidade que cerceia a possibilidade de debates.

Propusemos, em sequência, uma discussão acerca dos problemas de ensino-aprendizagem que possibilitam um julgamento mais racional pautado em fatos pelos leitores que acabam por

acreditar nos discursos das *fake news*. Para isso, abordamos o conceito de educação bancária (Freire, 2011), partindo do princípio de que educadores e educandos são responsáveis pela construção de conhecimento que se distancia do repasse mecânico de informações, e se aproxima da ideia de uma educação progressista, propondo uma leitura crítica e curiosa, incentivando a capacidade de seleção de dados confiáveis. É, também, papel do professor utilizar-se da tecnologia para aproximar o ensino da realidade dos discentes, com exposições que conduzam uma leitura atenta e questionadora.

Quando não podemos controlar a produção e disseminação desses discursos, se faz necessário debater questões de interpretação, conforme o terceiro capítulo desta dissertação. Consideramos, também, que todo este caminho é necessário pois o contrato veridictório propõe-se como uma via de mão dupla: não depende apenas do poder persuasivo do enunciador, mas também do fazer interpretativo do enunciatário que, para uma interpretação racional, precisa afastar-se de suas emoções e crenças pessoais, buscando distanciar-se do objeto com criticidade. Para isso, é importante que o enunciatário seja capaz de identificar as marcas deixadas no texto pelo dispositivo veridictório, como foi exposto nas análises e em nossas conclusões.

Ainda há muito o que se pensar no que diz respeito aos discursos mentirosos, que se reinventam progressivamente com o passar do tempo e com o avanço das tecnologias. Percebemos, enfim, que a semiótica funciona como uma excelente metodologia para se pensar e analisar casos de *fake news*, bem como contribuir para o desenvolvimento desses estudos no campo da educação, com a elaboração de métodos e estratégias para a identificação e desvelamento dos mecanismos criados pelos discursos mentirosos na *internet*.

Futuros trabalhos poderão aprofundar a discussão acerca das *fake news* e das novas formas de discursos mentirosos que estão surgindo – como as *deep fakes*. Posto isso, os estudos linguísticos e discursivos muito têm a contribuir sobre a discussão e o desvelamento dos discursos mentirosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, G. Adam Smith em Pequim – origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008. 432p.

_____. O longo século XX - Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996. 394p.

_____.; HUI, P.; HUNG, H; SELDEN, M. Historical capitalism, East and West. In: ARRIGHI, G.; HAMASHITA, T; SELDEN, M. [ORGS]. The Resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 year perspectives. London: RoutledgeCurzon, 2003. p. 259-334.

ANTI-ASIAN hate crimes top 10,000 in U.S. since start of pandemic: Big cities see surge in incidents, from New York to San Francisco. *In: Anti-Asian hate crimes top 10,000 in U.S. since start of pandemic*: Big cities see surge in incidents, from New York to San Francisco. [S. l.]: Naoko Yamauchi, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Spotlight/Society/Anti-Asian-hate-crimes-top-10-000-in-U.S.-since-start-of-pandemic>. Acesso em: 19 jun. 2022.

APURAÇÃO pelo Brasil. G1, [S. l.], p. 1-1, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/brasil/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

BANCO MUNDIAL. World Bank Open Data. Disponível em: <https://data.worldbank.org>.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. – 5ª ed. – São Paulo: Ática, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v.13, n.2, 2015, p. 13-31

BARROS, Diana Luz Pessoa de. As fake news e as anomalias. Caderno de Pós-Graduação VERBUM: Fake News e a corrosão da crítica, v. 9, n. 2, 2020, p. 26-41.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. Estudos Semióticos [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 1-14. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 16/12/2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contrato de veridicção: operações e percursos. Estudos Semióticos [online], vol.18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. 23-45. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 06/09/2022

BEWARE online "filter bubbles" by Eli Pariser. [S. l.]: TED, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B8ofWFx525s>. Acesso em: 16 dez. 2021.

BOLSONARO, J. M. - No Reino Unido, o Departamento de Saúde estima que 16 mil pessoas morreram das mais diversas formas, por não terem acesso ao Sistema de Saúde, devido à pandemia, enquanto 25 mil morreram de Covid-19. 9/08/2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1292522930279260160>. Acesso em: 16/12/2021.

BOLSONARO, J. M. - - De forma covarde e desrespeitosa aos 100 mil brasileiros mortos, essa TV festejou essa data no dia de ontem, como uma verdadeira final da Copa do Mundo, culpando o Presidente da República por todos os óbitos. 9/08/2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1292523404151664641>. Acesso em: 16/12/2021.

CARLÓN, Mario; ALZAMORA, Geane Carvalho; RIBEIRO, Daniel Melo; MENDES, Conrado Moreira; GÓIS, Victor; SALGADO, Tiago; MATTOS, Maria Ângela; AGGIO, Camilo; RIBEIRO, Daniel Melo; PAES, Fábio Amaral Oliveira; CORTEZ, Natália; SOUZA, Juliana Lopes de Almeida; DIAS, Emmanuelle; HOMSSI, Aline Monteiro; MUTSUQUE, Jane Alexandre; ZILLER, Joana. Sociedade da desinformação e infodemia. Minas Gerais: [s. n.], 2021. 232 p. ISBN 978-65-86963-38-0. E-book.

CHARTIER, Roger; AB'SÁBER, Tales; POSSENTI, Sírio; CARVALHO, Pedro Henrique V. de; FONTANA, Mónica Zoppi; MARQUES, Maria Aldina; ARNOUX, Elvira Narvaja de; KOURLIANDSKY, Jean-Jacques; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice;

PIOVEZANI, Carlos. Discurso e (pós)verdade. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021. 238 p. v. 1. ISBN 978-65-88519-34-9.

COMO AS *fake news* no Telegram pintam a China como inimigo. *In: Como as fake news no Telegram pintam a China como inimigo.* [S. l.]: Brenda Neris Gajus, Rafael Almeida Ferreira Abrão e Vitor Hugo dos Santos, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/como-as-fake-news-no-telegram-pintam-a-china-como-inimigo/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

COMO OS dados de milhões de usuários do Facebook foram usados na campanha de Trump. BBC NEWS, [S. l.], 9 abr. 2018. Brasil, p. 1-2. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43705839>. Acesso em: 16 dez. 2021.

DARNTON, Robert. A verdadeira história das notícias falsas: Séculos antes das redes sociais, os boatos e as mentiras alimentavam pasquins e gazetas na Europa. El País, [S. l.], 30 abr. 2017. Cultura, p. 1-3. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em: 16 dez. 2021.

É #FAKE que vacina contra Covid contamina e faz sangue mudar de coloração: Hematologistas refutam a alegação de que imunizantes provocam alteração no sangue. *In: É #FAKE que vacina contra Covid contamina e faz sangue mudar de coloração:* Hematologistas refutam a alegação de que imunizantes provocam alteração no sangue. [S. l.]: Roney Domingos, 24 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/09/24/e-fake-que-vacina-contracovid-contamina-e-faz-sangue-mudar-de-coloracao.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2022.

FAKE news apelam e viralizam mais do que notícias reais, mostra estudo. Folha de São Paulo, [S. l.], p. 1-4, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/fakenews-apelam-e-viralizam-mais-do-que-noticias-reais-mostra-estudo.shtml>. Acesso em: 16 dez.

2021.

FARIA, José Eduardo. A liberdade de expressão e as novas mídias. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. 184 p. v. 1. ISBN 978-65-5505-036-3.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1ªed., 2013.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sobre o sentido II: ensaios semióticos. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2014. 254 p. ISBN 978-85-314-1460-2.

‘GRIPEZINHA’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. Notícias uol, [S. l.], 24 mar. 2020. Política, p. 1-4. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-dopresidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 16 dez. 2021.

HILGERT, José Gaston. Elementos para a discussão do conceito de gênero oral. LETRAS (UFSM), 2020.

MENDES, Gyssele. Secom passa longe da Constituição e vira máquina de ataques a desafeto. Carta Capital, [S. l.], 6 fev. 2020. Entrevzes, p. 1-7. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/secom-passa-longo-da-constituicao-e-viramaquina-de-ataques-a-desafeto/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MOTTA, Anaís; OLIVEIRA, Felipe. No dia mais legal da covid-19, Bolsonaro questiona máscara e isolamento. Notícias uol, São Paulo, 25 fev. 2021. Saúde, p. 1-3. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/25/no-dia-mais-letal-dacovid-19-bolsonaro-questiona-mascara-e-isolamento.htm>. Acesso em: 16 dez. 2021.

NOVAES, Marina. Próximo presidente assume Brasil ‘rachado’ pelas urnas: Quem quer que seja eleito terá o difícil desafio de reconciliar o país. El País, São Paulo, 25 out. 2014. Brasil, p. 1-4. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/26/politica/1414277456_310276.html. Acesso em: 16 dez. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public: When and how to use masks, 2/03/2020. Seção: Advice for public. Disponível em Wayback Machine:

<https://web.archive.org/web/20200302155735/https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/when-and-how-to-use-masks>. Acesso em: 16/12/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public: When to use a mask, 2/03/2020. Seção: Advice for public. Disponível em Wayback Machine: <https://www.who.int/images/default-source/healthtopics/coronavirus/masks/masks-2.png>. Acesso em: 16/12/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int>.

OS LAÇOS do clã Bolsonaro com Steve Bannon: Acusado de fraude, ex-braço direito de Trump que deixou prisão após pagar fiança se tornou referência para o bolsonarismo e inspirou tática de ativismo digital à brasileira. *In: Anti-Asian hate crimes top 10,000 in U.S. since start of pandemic: Big cities see surge in incidents, from New York to San Francisco.* [S. l.]: Breiller Pires, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>. Acesso em: 19 jun. 2022

OXFORD UNIVERSITY PRESS. Oxford Languages. Word of the year 2016. [S. l.: s. n.], 20. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

POSETI, Julie; MATTHEWS, Alice; INTERNATIONAL CENTER FOR JOURNALISTS. A short guide to the history of 'fake news' and disinformation: A learning module for journalists and journalism educators. Washington, DC: [s. n.], 2018. Disponível em:

<https://www.icfj.org/news/short-guide-history-fake-news-and-disinformation-new-icfjlearning-module>. Acesso em: 16 dez. 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto-lei nº 6.650, de 23 de maio de 1979. Dispõe sobre a criação, na Presidência da República, da Secretaria de Comunicação Social, altera dispositivos do Decreto-lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Criação, na Presidência da República, da Secretaria de Comunicação Social, Brasília, 23 maio 1979.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6650.htm. Acesso em: 16 dez. 2021.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española: posverdad. Espanha: [s. n.], 20-. Disponível em: <https://dle.rae.es/posverdad?m=form>. Acesso em: 16 dez. 2021.

RODRIGUES, Mateus. Bolsonaro contraria ciência e diz a apoiadores que eficácia de máscara é 'quase nenhuma', Brasília, 18/08/2020. Seção: Política. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/19/bolsonaro-contraria-ciencia-e-diz-a-apoiadores-que-eficacia-de-mascara-e-quase-nenhuma.ghtml>. Acesso em: 16/12/2021.

RUSSO, André; FERRARI, Pollyana. PUC CHECK: Rede André Russo. In: A PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.pucsp.br/puccheck>. Acesso em: 16 dez. 2021.

SANTAELLA, Lucia; CYPRIANO, Fabio (SP). A pós-verdade é verdadeira ou falsa?. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018. 62 p. v. 1. ISBN 978-85-68552-79-7. E-book.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós verdade como acontecimento discursivo. Linguagem em (Dis)curso, sciELO Brazil: 2020.

SOCIAL, Secretaria de comunicação. Filmmaker Petra Costa played the role of an anti-Brazil activist and tarnished the country's image abroad with a series of fake news in an interview on American television. 3/02/2020. Twitter: @secomvc. Disponível em:

https://twitter.com/secomvc/status/1224456631137619969?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1224456631137619969%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.cartacapital.com.br%2Fblogs%2Fintervozes%2Fsecompas

sa-longe-da-constituicao-e-vira-maquina-de-ataques-a-desafeto%2F. Acesso em: 16/12/2021.

SCHUCH, Matheus. Bolsonaro critica OMS e diz que entidade “não acerta nada”. Valor investe, Brasília, 18 jun. 2020. Brasil e política, p. 1-3. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/06/18/bolsonarocritica-oms-e-diz-que-entidade-no-acerta-nada.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2021.

TUA SAÚDE. O que é hipercapnia e quais os sintomas. Seção: Clínica geral. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/hipercapnia>. Acesso em: 16/12/2021.

US awol from world stage as China tries on global leadership for size: Mike Pompeo labelling the virus ‘Chinese’ has added to lack of international cooperation. *In: US awol from world stage as China tries on global leadership for size.* [S. l.]: Julien Borger, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/29/us-awol-from-world-stage-as-china-tries-on-global-leadership-for-size>. Acesso em: 19 jun. 2022.

USO da internet no Brasil cresce, e chega a 81% da população, diz pesquisa. G1, [S. l.], 18 ago. 2021. Economia, p. 1-5. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/08/18/uso-da-internet-no-brasilcresce-e-chega-a-81percent-da-populacao-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2021.

USO de máscara não afeta a respiração nem resposta cardiovascular durante exercício físico. *In: Uso de máscara não afeta a respiração nem resposta cardiovascular durante exercício físico.* [S. l.]: Maria Fernanda Ziegler, 24 set. 2021. Disponível em: [https://agencia.fapesp.br/uso-de-mascara-nao-afeta-a-respiracao-nem-resposta-cardiovascular-durante-exercicio-](https://agencia.fapesp.br/uso-de-mascara-nao-afeta-a-respiracao-nem-resposta-cardiovascular-durante-exercicio-fisico/37631/#:~:text=04%20de%20janeiro%20de%202022&text=Maria%20Fernanda%20Ziegler%20%7C%20Ag%C3%Aancia%20FAPESP,em%20intensidades%20moderadas%20a%20vigorosas)

[fisico/37631/#:~:text=04%20de%20janeiro%20de%202022&text=Maria%20Fernanda%20Ziegler%20%7C%20Ag%C3%Aancia%20FAPESP,em%20intensidades%20moderadas%20a%20vigorosas](https://agencia.fapesp.br/uso-de-mascara-nao-afeta-a-respiracao-nem-resposta-cardiovascular-durante-exercicio-fisico/37631/#:~:text=04%20de%20janeiro%20de%202022&text=Maria%20Fernanda%20Ziegler%20%7C%20Ag%C3%Aancia%20FAPESP,em%20intensidades%20moderadas%20a%20vigorosas). Acesso em: 19 jun. 2022.